

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

Mônica Sanchez Dumit

**CORAGEM E OUSADIA: UMA ESCOLA EM BUSCA DE
TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E MELHORES CONDIÇÕES
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado à Faculdade de Educação da
UNICAMP, para obtenção do título de
Bacharel em Pedagogia sob orientação do
Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

Campinas

2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	D.896c
.....EX:	
CANBO:	3479
PRUC:	129/08
C:.....D:	X
PREÇO:	11,00
DATA:	01/03/08
Nº CPD:	425675

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

D896c	Dumit, Mônica Sanchez. Coragem e ousadia : uma escola em busca de transformações sociais e melhores condições de ensino - aprendizagem / Mônica Sanchez Dumit. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Escolas – Aspectos sociais. 2. Ensino – Aprendizagem. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-620-BFE

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado
Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Márcia Sigríst Malavasi
Segunda leitora

*Dedico o presente trabalho
a minha família: Du, Sofiah,
pai, mãe, Mateus e Felipe.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos aqueles que estiveram presentes e contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização do presente trabalho:

- A minha família: mãe, pai, Du, Sofiah, Mateus, Felipe, Rose e Vó Landa – que sempre me apoiou e me ofereceu todas as condições para que realizasse minha pesquisa. Obrigada por tudo! Amo muito vocês!
- Ao meu professor orientador: Guilherme do Val Toledo Prado, pelo incentivo e orientação referentes à produção da pesquisa;
- À direção, coordenação, professores e funcionários da EMEIEF “Lucca Moore”: pela permissão para que realizasse o trabalho na escola, e também pelo acolhimento e atenção oferecidos durante a realização da pesquisa;
- As pessoas mais queridas e “cabeçudas” da faculdade: Samanta, Máira, Júlia, Giselle, Patty, Denise, Joice e Mari, que me acompanharam durante todos esses anos e fizeram dessa fase da minha vida um momento tão feliz e inesquecível!
- Às funcionárias da Faculdade de Educação: Lú, Alice e Josi, que estiveram sempre dispostas a me ajudar e tiveram toda a paciência do mundo comigo!
- A minha amiga e companheira de trabalho Raquel: pelo apoio e incentivo de sempre!

Obrigada a todos! Pelo apoio, carinho e compreensão!

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.¹

¹ *Carta resposta dos chefes da tribo "Índios das Seis Nações" aos governantes dos Estados Unidos referente a um convite enviado à tribo para que mandassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos.*

RESUMO

O presente trabalho traz uma discussão acerca de uma escola localizada na periferia da cidade de Limeira, que realiza um estudo do meio social no qual está inserida para desenvolver e aprimorar suas práticas pedagógicas.

Também realiza uma reflexão sobre o papel da escola na sociedade de classes na qual vivemos e suas conseqüências à formação do seres humanos.

O meio social em que vivemos constitui-se num determinante aspecto da nossa formação como ser humano. Dessa forma, a instituição escolar deve se basear no ambiente no qual está inserida para desenvolver seu Projeto Político Pedagógico e obter bons resultados em seu processo de ensino-aprendizagem.

A EMEIEF "Lucca Moore", escola onde a presente pesquisa foi realizada, no município de Limeira, desenvolve, a partir de estudos realizados no meio social do qual faz parte, vários projetos pedagógicos, buscando solucionar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos e, dessa maneira, possibilitar a eles um ambiente mais rico e significativo as suas vidas e ao aprendizado em geral.

Palavras-chave: Escola, Meio-social e Sociedade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I: A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO REFLEXO DE UMA SOCIEDADE DE CLASSES	13
CAPÍTULO II: A EMEIEF “LUCCA MOORE” E A COMUNIDADE ESCOLAR ATENDIDA	24
CAPÍTULO III: EM BUSCA DE MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM: OS PROJETOS DA EMEIEF “LUCCA MOORE”	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa possui como objetivo principal verificar como o estudo do meio social no qual uma escola da cidade de Limeira está inserida, influencia na busca de soluções para os problemas enfrentados e nas práticas pedagógicas desenvolvidas pela mesma.

Meu interesse pelo tema surgiu quando ainda exercia a função de secretária, a cerca de um ano e meio, numa escola municipal da zona rural da cidade de Limeira.

Como aluna de um curso de pedagogia, estava sempre observando as relações de ensino-aprendizagem que ocorriam na escola.

Com o tempo, algo passou a me incomodar demasiadamente: os alunos apresentavam muitas dificuldades na aprendizagem dos conteúdos em geral.

Relacionando o meu ambiente de trabalho com o que estudava na faculdade, passei a perceber que o meio social onde os alunos estavam inseridos representava algo diretamente determinante ao aprendizado dos conteúdos ensinados pela escola. Por exemplo: grande parte das crianças morava em sítios e fazendas próximos da escola, onde raramente a escrita estava presente e os pais eram, em sua maioria, analfabetos. Quando era apresentada a elas somente a língua escrita, sem se fazer nenhuma relação com o ambiente onde viviam, a maioria apresentava dificuldades no aprendizado.

Algum tempo depois, quando já havia sido transferida para uma escola localizada na área urbana da cidade e procurava algum tema para o meu trabalho de conclusão de curso, fiquei sabendo, por meio do meu professor orientador, que havia uma escola localizada na periferia da cidade de Limeira que realizava um

estudo do meio no qual estava inserida e baseava-se nele para organizar suas práticas pedagógicas e desenvolver projetos para enriquecer o aprendizado de seus alunos.

A partir de então, procurei a diretora responsável e, com sua permissão, passei a desenvolver minha pesquisa nessa escola, procurando responder a seguinte questão: em que medida o estudo do contexto social contribui para o desenvolvimento das práticas e dos projetos desenvolvidos nesta escola?

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa etnográfica, numa abordagem qualitativa, onde a observação participante consistiu a principal forma de coleta de dados. Também utilizei o diário de campo, a máquina fotográfica, conversas informais com alunos, funcionários da escola, professores, coordenadora e diretora durante a coleta de dados.

A pesquisa etnográfica é utilizada para estudar o comportamento de pessoas, grupos ou comunidades, buscando sempre conhecer e entender como se constituem as relações sociais estabelecidas por determinado grupo. É realizada por meio do contato direto entre o pesquisador e o grupo que está sendo estudado.

Acredito ser de grande importância ressaltar que o contato entre o pesquisador e o grupo, necessário à realização da presente pesquisa, provoca, na maioria das vezes, uma mudança no comportamento de ambos, e sempre acaba influenciando os resultados da pesquisa. Ter consciência sobre esse fenômeno é essencial no momento da análise dos dados coletados. Segundo GOFFMAN (apud WINKIN, 1953, p.135):

... a partir do momento em que estamos num lugar que não sozinhos em nosso banheiro, a partir do momento em que estamos em co-presença física, sob o olhar possível de alguém, ou se pensarmos estar sob o olhar de alguém, sentimo-nos na obrigação de nos projetar no espaço constituído pela pessoa e por nós mesmos.

Desde a primeira visita realizada, senti-me bem na escola para realizar minha pesquisa. Segundo WINKIN (1953), para o bom andamento de uma pesquisa, é necessário que o lugar onde se está desenvolvendo o estudo seja agradável, para que o mesmo apresente bons resultados. Possui grande importância também o relacionamento entre pesquisador e grupo pesquisado. THIOLENT (1984, p. 83), afirma que:

Trata-se de estabelecer uma adequada participação dos pesquisadores dentro dos grupos observados de modo a reduzir a estranheza recíproca. Os pesquisadores são levados a compartilhar, pelo menos superficialmente, os papéis e hábitos dos grupos observados para estarem em condição de observar fatos, situações e comportamentos que não ocorreriam ou que seriam alterados na presença de estranhos.

Durante a realização da pesquisa, acompanhei aulas do Ensino Fundamental, recreios, refeições, entradas e saídas dos alunos, intervalos dos professores e a realização dos projetos existentes na escola. Também realizei nela, meu estágio de Educação Infantil, uma vez que estava cursando uma disciplina referente ao assunto na faculdade.

No próximo capítulo abordarei o papel da instituição escolar e suas inevitáveis conseqüências à sociedade na qual vivemos. Considero tal discussão de extrema importância à presente pesquisa, pois seus principais objetos de estudo foram, justamente, a escola e a sociedade e, dessa forma, o leitor estará melhor situado a respeito do assunto e realizará, quiçá, uma leitura enriquecedora do material exposto.

Num segundo momento, após a reflexão da relação escola-sociedade, o leitor encontrará a descrição da escola e do bairro onde a pesquisa foi realizada, assim como suas principais características funcionais, para que o mesmo consiga

visualizar o local e, dessa forma, entender com maior clareza o desenvolvimento do estudo.

CAPÍTULO I

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR COMO REFLEXO DE UMA SOCIEDADE DE CLASSES

Discutirei neste capítulo, o papel desempenhado pela escola perante a sociedade na qual vivemos. Sociedade esta, dominada por uma economia extremamente capitalista, onde o poder e a riqueza material constituem os maiores objetivos de vida da população em geral.

A sociedade atual, fortemente influenciada pela globalização, possui como um de seus principais objetivos a obtenção desenfreada de lucros, o que caracteriza uma sociedade excludente, que promove cada vez mais a desigualdade social, excluindo a maioria da população e privilegiando uma pequena minoria:

A globalização é um novo sistema de poder, que exclui e inclui, segundo as conveniências do lucro... Ignoram-se a diversidade das culturas e a realidade das comunidades, que passam a se fechar ao redor delas mesmas, como forma de se protegerem da "invasão" da cultura homogeneizadora que se apresenta. (GOHN, 2001,p.8)

O Estado brasileiro, influenciado pelo sistema capitalista, funciona como um legitimador de práticas e políticas elaboradas fora dele, pelas classes dominantes, e possui, intrinsecamente, a função de reproduzir as classes sociais. À escola, encarregada de fornecer as condições ideológicas ideais para o processo de acumulação capitalista, cabe o ofício de preparar técnica e subjetivamente as diferentes classes sociais para ocuparem seus devidos lugares no mercado de trabalho. Desempenha essa função através da inculcação e transmissão diferenciada da ideologia, isto é, daquelas idéias, valores e formas de agir apropriadas a cada classe social.

O sistema capitalista se caracteriza na exploração dos mais fracos pelos mais fortes para obtenção do máximo de lucro possível. Isso faz com que a exclusão social e a marginalização da classe trabalhadora aumentem. FERREIRA (2004, p.1228), afirma que o capitalismo:

...constitui-se como um poder oculto que agita o mundo, que determina as vidas humanas, dominando-as cada vez mais. Todos os problemas sociais, todas as crises e catástrofes, na atualidade, são relacionados com a "globalização"...

Há algumas décadas a educação brasileira passou a ser alvo de maior valor nas prioridades políticas do país. Por volta de 1930, a educação, juntamente com o planejamento social, passou a ser vista como essencial ao desenvolvimento econômico da nação. Tais fatores – planejamento social, educação e desenvolvimento – possuíam, então, uma relação de interdependência e complementaridade. Essa relação surgiu principalmente por necessidades políticas e econômicas do país, uma vez que a educação e os aspectos sociais sempre ocuparam o segundo plano na política brasileira. O maior investimento em políticas sociais surgiu com o intuito de que o meio social não influenciasse, negativamente, o desenvolvimento econômico. Segundo OLIVEIRA (1997, p. 65):

...a educação e outros setores sociais não são pensados em função dos benefícios ou do bem-estar da população, mas o que se percebe é o predomínio do econômico nas "razões" do Estado.

Outro fator que acarretou um maior direcionamento de olhar ao meio social foi a relação que passou a ser feita, por volta das décadas de 40 e 50, entre subdesenvolvimento e pobreza X desenvolvimento e prosperidade. Tais décadas foram marcadas pela ideologia do desenvolvimentismo. Desse modo, a educação passou a ser vista como essencial ao crescimento econômico do país, uma vez que

o analfabetismo é considerado por esta ideologia como um dos fatores do subdesenvolvimento. Também foi atribuído à escola, o papel de formadora e qualificadora de produtores e consumidores de mercado, fazendo com que a mesma passasse a ser considerada fundamental...

...por propiciar aos indivíduos as ferramentas mínimas para participar na economia moderna como produtor e consumidor. (OLIVEIRA,1997, p.79)

Apesar da preocupação com a melhoria do sistema educativo, sempre se procurou investir o mínimo possível, tanto neste como em outros setores públicos, como a saúde e o transporte, por exemplo. Tal fato faz com que a qualidade da educação brasileira fique constantemente prejudicada, uma vez que para alcançar as melhorias "teoricamente" propostas se fazem necessários grandes investimentos financeiros.

A escola atual, fortemente influenciada por tendências capitalistas, possui como um de seus objetivos principais, a formação de trabalhadores adequados às tendências atuais de mercado, que se baseiam principalmente na redução de custos e de tempo de trabalho e conseqüente aumento de lucros.

Segundo BRUNO (1997,p.41):

Pelo que nos mostram todas as evidências empíricas até o momento, o que está sendo pensado e implementado na rede pública são adequações às tendências gerais do capitalismo contemporâneo, com especial ênfase na reorganização das funções administrativas e de gestão da escola, assim como do processo de trabalho dos educadores, envolvidos com a formação das futuras gerações da classe trabalhadora, tendo em vista a redução de custos e de tempo. Trata-se de garantir o que nas empresas denomina-se qualidade total. Entretanto, esta qualidade é sempre referida ao processo, não ao produto, já que, com relação a este, a qualidade é sempre referida ao segmento de mercado ao qual se destina. Qualidade do processo produtivo diz respeito à redução de desperdícios, de tempo de trabalho, de custos, de força de trabalho.

As raízes das desigualdades escolares estão localizadas na estrutura do modelo econômico capitalista. Porém, a vivência num contexto escolar “adequado” possui maior importância do que os conteúdos transmitidos à formação cognitiva dos cidadãos. As maneiras pelas quais os conhecimentos escolares são criados, selecionados, organizados e distribuídos estão estreitamente relacionadas aos processos mais amplos de acumulação e legitimação da sociedade capitalista. Segundo SILVA (1991, p.80):

Nesse processo de tradição seletiva as relações assimétricas entre classes e grupos conflitantes atuam para valorizar um determinado tipo de conhecimento e desvalorizar o de outros, para incluir as tradições culturais dos grupos e classes dominantes entre os tipos de conhecimento dignos e válidos de serem transmitidos e para excluir as tradições culturais de classes e grupos subordinados. A definição daquilo que é considerado como sendo o conhecimento, e particularmente, como sendo o conhecimento escolar, nunca é um ato desinteressado e imparcial. É sempre o resultado de lutas e conflitos entre definições alternativas, em que uma delas conseguiu se impor.

A instituição escolar costuma transmitir os conhecimentos, propositalmente, de formas “adequadas”, para que a assimilação dos mesmos venham a contribuir apenas à manutenção da sociedade de classes, não tornando seus alunos cidadãos críticos e esclarecidos, que contestem o sistema capitalista e lutem por melhores condições de vida. LAVILLE (1999, p.21) afirma que:

...a escola ensina habitualmente apenas uma única interpretação de um fato histórico, mesmo podendo haver várias. É que a interpretação escolhida pareceu preferível às autoridades responsáveis pelo sistema escolar ou por aqueles que nele intervêm por diversas razões.

A educação brasileira possui, teoricamente, como um de seus objetivos, contribuir para a construção de uma sociedade democrática, onde a escolarização funcione como principal meio para diminuir as diferenças sociais existentes.

Realmente, um ensino de qualidade amplamente distribuído contribuiria para formar consciências não apenas compatíveis ao modo democrático de organização social, mas também capazes de construí-lo e reforçá-lo. Porém, sabemos que nada disso acontece na prática: a escola está implicada...

... na produção de algumas daquelas mesmas coisas que supostamente deveria evitar como, por exemplo, o fracasso escolar e a conseqüente permanência no mesmo nível da hierarquia social, ao invés da prometida mobilidade, ou a fabricação de trabalhadores dóceis e conformistas, ao invés de cidadãos conscientes e participantes. (SILVA, 1991, p.78)

A escola não se constitui numa instituição injusta e divisora de classes visivelmente. Pelo contrário, ela dá a todos iguais direitos de matricular-se e freqüentá-la. Também está quase sempre aberta a sugestões e reclamações por parte dos alunos ou de sua família. Entretanto, o conteúdo transmitido pelas instituições escolares e a maneira pela qual essa transmissão é realizada, faz com que a grande maioria de seus alunos, vindos das classes subordinadas, aprenda apenas aquilo considerado necessário à manutenção da sociedade capitalista, ou seja, o primordial para a posição que ocupará no mercado de trabalho. SILVA (1991, p.18), afirma que para Bourdieu e Passeron:

... a escola não inculca valores e modos de pensamento dominantes. Ela se limita, ao usar um código de transmissão cultural no qual apenas as crianças e jovens da classe dominante já foram iniciados no ambiente da família, a permitir a continuação desses no jogo da cultura e confirmar a exclusão dos filhos de pais das classes subordinadas.

É naturalmente central nesse processo a transmissão da idéia de que essa exclusão não se dá por nenhum ato de imposição bruta e visível, mas por incapacidade de alguns de vencer numa corrida meritocrática, a da carreira escolar, que é fundamentalmente justa e igualitária.

No Brasil, as escolas dividem-se em públicas e privadas. As primeiras atendem a grande maioria da população, vindas das classes subordinadas e formam, em geral, o trabalhador manual, que utiliza como ferramenta principal de

trabalho a força física. Já as segundas, criadas para atender a elite da população, se encarregam da formação do trabalhador intelectual, que se constitui num ser criativo, crítico e atuante.

De forma esquemática, às classes subordinadas ensinam-se, através dos currículos manifesto e oculto da escola, o conformismo e a submissão à ordens diretas, externamente emitidas. Em contraste, às crianças e jovens das classes dominantes são ensinadas para serem independentes, autônomas e para internalizarem o controle. Além disso, enquanto estes recebem um conteúdo cognitivo de status mais elevado, aqueles se ensina um conhecimento de natureza "prática", quando muito.

Tais divisões são consideradas essenciais à manutenção das classes sociais, uma vez que oferecem formações diferenciadas a cada uma delas através dos currículos e das relações práticas vividas no ambiente escolar. Os currículos das escolas variam de acordo com a localização das mesmas e da classe social dos grupos atendidos. Entretanto, tal fato não costuma ser de fácil percepção à população, pois se dá ao nível da escola, por meio de complexas mediações. A própria percepção dos professores em relação às diferentes classes e suas chances de ascensão social caracteriza-se num fator determinante do currículo e das relações estabelecidas na escola. Os métodos tradicionais de ensino, com ênfase na aprendizagem mecânica e em modos imperativos de controle, geralmente utilizados nas escolas das classes populares, certamente iriam se chocar com os tipos de valores e disposições nos quais as crianças das classes dominantes são socializadas na família. SILVA (1991, p.116) afirma que nas escolas da elite da população...

O processo de criação, recriação e descoberta de conceitos e princípios é enfatizado em detrimento do mero armazenamento de fatos e informações. Da mesma forma, a experimentação e a investigação, a observação e a extração de conclusões e a organização e o relato de resultados são usados com mais frequência que os exercícios de preenchimento relativos a questões factuais e fragmentadas, do tipo comumente encontrado nos livros didáticos e cadernos de exercício. Os propósitos e procedimentos de cada atividade são integralmente apresentados às crianças e elas têm ampla oportunidade de discuti-los.

Ao contrário do que muitos pensam, existem sim reivindicações populares em relação à educação brasileira. Entretanto essas estão, geralmente, centradas em questões de acesso e expansão do sistema de ensino já existente ao invés de na qualidade do mesmo.

A igualdade na distribuição do currículo escolar, acompanhada de maiores investimentos na formação do professor e algumas transformações na organização geral da escola, proporcionariam grandes contribuições à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Porém, ao pensarmos no papel do Estado em nosso país e, conseqüentemente, no sistema escolar, lembramos que as instituições escolares estão diretamente controladas e regulamentadas pelo mesmo, o que faz com que as modificações curriculares se tornem muito difíceis, senão impossíveis, de serem realizadas pura e simplesmente pela vontade de educadores e professores. Para SILVA (1991, p.84):

Esse controle e regulamentação estatal se misturam com as definições há muito cristalizadas no senso comum daquilo que significam, por exemplo, escola e sala de aula, para tornar quaisquer modificações muito difíceis de serem realizadas.

As instituições escolares reproduzem uma série de elementos resultantes de sedimentações históricas e invenções sociais, que dificilmente conseguimos percebê-los e problematizá-los. A distribuição do espaço físico, a divisão do ensino em séries, a administração do tempo através de períodos, a divisão do

conhecimento em diferentes matérias; fazem parte das invenções sociais que caracterizam a escola em geral. No entanto, é de grande importância ressaltar, que não são apenas os aspectos físicos e a organização da escola antiga que são reproduzidos atualmente, mas também as práticas, as relações, os rituais praticados, etc. Isso faz com que fiquemos, quase sempre, conformados e limitados em nossas ações educacionais. Segundo SILVA (1991, p.64):

...a educação moderna é um dispositivo a) institucionalizado, b) de massa c) estatalmente controlado e regulado. Isto hoje nos parece óbvio, natural, inevitável e irreversível. Pode ser que assim seja, mas são essas características que, antes de qualquer outra coisa, determinam e conformam aquilo que podemos fazer no âmbito de nossas ações educacionais e pedagógicas, são elas que restringem e limitam a gama de nossas possibilidades...

As características herdadas socialmente pelas instituições escolares, citadas anteriormente, funcionam como uma espécie de mecanismo de dominação para a sociedade, onde sua invisibilidade se faz necessária para que a eficácia seja garantida. A escola, e principalmente a sociedade dominante, não possuem o menor interesse em expor seus aspectos reprodutivos, uma vez que esses poderiam ser utilizados para uma maior conscientização da população em geral e, conseqüentemente, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, o que seria desinteressante à elite.

É certo que a escola contribui para reproduzir a sociedade existente, como já discutimos acima. Entretanto, não podemos deixar de voltar nosso olhar para aquilo que ela produz. Sabemos que o mundo se transforma a cada segundo, e a escola também. O ensino oferecido por ela pode até fazer com que seus alunos se tornem meros operários, reprodutores do sistema capitalista, que possuam pouca ou nenhuma consciência crítica sobre a sociedade na qual vivem. Mas nem todos são

iguais, e sempre haverá de existir aqueles que contestam o velho, o imutável, que procuram razões e explicações para a realidade já existente e lutam por aquilo que acreditam ser o melhor para si. Segundo SILVA (1991, p.59):

...nem tudo na educação contribui para reproduzir o existente, fazendo com isto a sua parte na manutenção de relações sociais assimétricas e de exploração. A educação também gera o novo, cria novos elementos e novas relações, gera resistências que vão produzir situações que não constituem

mera repetição das posições anteriores.
A educação seria, então, ao mesmo tempo, produção e reprodução, inculcação e resistência, continuidade e descontinuidade, repetição e ruptura, manutenção e renovação.

O ambiente escolar constitui-se num espaço cultural onde a realidade é transformada a todo momento, de acordo com o meio social no qual a escola está inserida. Os conhecimentos, apesar de serem distribuídos de formas desiguais de acordo com as diferentes classes e grupos sociais, são constantemente reelaborados e resignificados pelos sujeitos da escola, ou seja, não acontece neste ambiente pura e simplesmente a reprodução do que já existe. Por esse motivo é que se deve dar a devida importância aos currículos escolares. Transformar totalmente o mundo no qual vivemos somente através do que se ensina nas escolas seria impossível, porém um currículo bem elaborado, baseado na justiça e igualdade de direitos de todos, traria grandes contribuições para a busca de uma sociedade melhor.

Pensar conscientemente em currículo, significa procurar estudá-lo e entendê-lo ao lado das condições e práticas presentes na escola e na sala de aula. As situações reais de uma sala de aula costumam trazer fatos imprevisíveis e muitas vezes inexplicáveis, que exigem do professor, a capacidade de criar, improvisar, se adequar às novas situações para proporcionar as melhores condições possíveis ao aprendizado de seus alunos. Condições essas que muitas vezes não estão contidas em nenhum tipo de currículo ou manual de instrução, que ensine como proceder em

determinados casos, o que faz com que na maioria das vezes, o currículo pretendido permaneça a uma longa distância da realidade prática das escolas. Na opinião de SILVA (1991, p.88):

Quando se pensa em currículo, não se podem separar forma e conteúdo. O conteúdo está sempre envolvido numa certa forma, e os efeitos desta podem ser tão importantes quanto os comumente destacados efeitos do conteúdo.

A construção de um currículo que efetivamente contribua para que nossa sociedade se torne verdadeiramente justa e democrática deve ser baseada numa combinação entre utilidade, relevância, valorização de diferentes culturas e distribuição igualitária dos conhecimentos. Porém, se faz necessário o rompimento entre a esfera teórica e acadêmica, para que as teorias e elaborações sobre educação e currículo sejam colocadas verdadeiramente em prática. Para MOREIRA (apud SILVA, p.90):

Temos ainda muitas dúvidas em relação ao que constitui conhecimento útil e válido, quando tomamos como referência a construção de uma educação e uma sociedade democráticas. Sabemos muitas coisas a respeito dos conhecimentos que representam um obstáculo a esses ideais, mas muito pouco sobre a introdução de formas alternativas. Não temos nenhuma crítica sistematizada das formas dominantes de currículo, que apesar das críticas e das sucessivas reformas, continuam, ao menos formalmente, fundamentalmente os mesmos de décadas atrás, isto é, baseados nas disciplinas tradicionais.

Outro ponto importante para nossa reflexão a respeito dos currículos escolares, é a introdução de uma educação política nos mesmos, uma vez que esse ponto é quase sempre ignorado pelas escolas das classes subordinadas. Muito tem se discutido a respeito da introdução de um currículo crítico em nossas escolas, no entanto ainda não sabemos exatamente como implantá-lo de um modo que possibilite aos estudantes uma visão crítica, política e articulada dos arranjos

existentes em nossa sociedade, que reflita criticamente sobre as diversas divisões sociais existentes e sobre a exploração e a miséria provocadas por uma sociedade de classes.

A escola pública possui, de maneira intrínseca e sutil, uma forte influência das lógicas de mercado arraigada em seus valores e em suas práticas pedagógicas:

Segundo BARROSO (2005, p. 750):

...a "defesa da escola pública" passa, por um lado, em desmontar o carácter pretensamente "neutro" da introdução de uma lógica de mercado na educação, denunciando a sua "ética" perversa e a sua intencionalidade política e, por outro, fazer da definição e regulação das políticas educativas um processo de construção colectiva do bem comum que à educação cabe oferecer, em condições de igualdade e justiça social, a todos os cidadãos.

Para a criação de um sistema educativo diferente, que vise a formação pessoal do ser humano e possibilite a ele melhores condições de vida, faz-se necessário uma grande mudança na escola pública, onde os direitos humanos e a diversidade sejam realmente levados em conta. Dessa maneira, teremos uma sociedade mais justa e igualitária.

CAPÍTULO II

A EMEIEF “LUCCA MOORE” E A COMUNIDADE ESCOLAR ATENDIDA

A escola onde a presente pesquisa foi realizada possui o nome de Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) “Profª. Maria Ap. Lucca Moore”. Existe há cerca de dez anos e situa-se num bairro periférico da cidade de Limeira, denominado Jardim Aeroporto.

Meu primeiro contato com a escola foi por telefone: depois de várias tentativas, consegui um horário para conversar com a diretora. Vera² apresentou-me gentilmente a escola e explicou-me grande parte dos trabalhos desenvolvidos na mesma. Colocou-se também à disposição para ajudar-me no que fosse preciso, deixando a escola de portas abertas para que eu visitasse e realizasse minha pesquisa.

Toda a equipe da escola recebeu-me muito bem, desde a direção até os funcionários. Deixaram-me à vontade para conhecer e andar pela escola quando achasse necessário.

O Jardim Aeroporto fica num local de fácil acesso da cidade. Para se chegar nele, basta percorrer parte do anel viário e seguir por duas longas e bem asfaltadas avenidas. O bairro localiza-se numa região recentemente povoada de Limeira, por isso a escola não possui muitos anos de existência.

A escola possui ótima localização no bairro. Foi construída ao lado de uma escola estadual, que atende alunos de 5ª série ao Ensino Médio. Situa-se numa extensa e larga avenida, cortada por um vistoso e bonito canteiro central, onde se encontram plantadas gramas e algumas árvores. Nesta avenida, encontramos todo

² Utilizarei o nome fictício para dirigir-me a todos os sujeitos citados no decorrer do presente trabalho.

tipo de comércio: farmácia, supermercado, açougue, loja de roupas, estacionamento de carros, padaria, casa de rações, papelaria, casa lotérica, mecânica para carros e motos, etc. Existe também ali um Posto de Saúde que atende a população local.



Avenida principal do Jd. Aeroporto, onde a escola está localizada.

As casas existentes no bairro são, em sua maioria, grandes e bonitas quando comparadas às casas de outros bairros periféricos. Em quase todas elas observa-se algum veículo de locomoção na garagem: carro ou moto.

A população moradora do bairro aparenta ser, em sua maioria, de classe média baixa: nem rica, nem pobre, nem miserável. Porém, segundo a direção da escola, a grande maioria das crianças atendidas ali não são moradoras do Jardim Aeroporto, mas sim de um bairro próximo dali, chamado Ernesto Kühn.

As crianças moradoras do próprio bairro onde está localizada a escola procuram, geralmente, estudar no centro da cidade. Segundo Vera, muitos pais têm preconceitos em relação a esta escola por ela atender também crianças do "Ernesto Kühn", que se constitui num dos bairros mais pobres e violentos da cidade.

O Ernesto Kühn é um bairro ainda mais novo do que o Jardim Aeroporto: povoado muito recentemente, a cerca de sete anos, constitui-se num assentamento sem-teto da cidade de Limeira, onde moram cerca de 7.500 pessoas. Sua aparência é bem diferente do primeiro: as ruas são estreitas e asfaltadas, possui casas pequenas, quase todas "mal acabadas". Pude observar algumas casas construídas com pedaços de madeira, tábuas, sacos plásticos, etc. Muitas sem muros nem portões. Existem muitos cachorros mal cuidados correndo pelo bairro, crianças pequenas andando pelo meio das ruas, muitas bicicletas, pequenos comércios, etc. Pareceu-me tudo bem diferente do bairro onde a escola está localizada: um ambiente visualmente mais feio, escuro, sujo e triste do que o primeiro. A quantidade de pessoas e crianças andando pelas ruas também é bem maior. Nesse bairro, faltam quase todos os serviços básicos: muitas casas não possuem luz elétrica e água encanada. Sessenta e cinco por cento da população está localizada abaixo da linha da pobreza. Mais da metade dos pais de alunos nunca foi à escola ou estudou somente até a 4ª série do Ensino Fundamental.

As crianças do "Ernesto Kühn" aparentam possuir diferentes qualidades de vida: andam quase sempre descalças e sujas pelas ruas desde muito novas. Ao contrário daquelas vistas no Jardim Aeroporto, que parecem estar sempre limpas, bem vestidas e andam acompanhadas por algum adulto quando ainda pequenas.



Bairro Ernesto Kuhl



Moradias do Bairro Ernesto Kuhl

Como disse anteriormente, a escola localiza-se numa avenida. Porém a entrada para alunos e funcionários situa-se numa rua ao lado, pequena, tranqüila e com saída para uma "ruela" de terra que leva ao bairro Ernesto Kuhl. A calçada da frente é larga e possui um extenso jardim com várias árvores plantadas, fazendo com que a entrada da escola possua um ar bonito e alegre. O estacionamento para

carros, tanto dos funcionários como das pessoas de fora fica em espaço aberto, em frente à unidade escolar. O portão de entrada e saída dos alunos é o mesmo que o de funcionários da escola e comunidade, uma vez que a entrada específica para as crianças ainda está sendo construída, aos poucos, conforme o orçamento da escola permite.



Frente da escola

Os muros que rodeiam a escola são altos, chapiscados e sem pintura. Possui algumas poucas "pichações", realizadas, provavelmente, por adolescentes das imediações do bairro. Em algumas partes encontram-se pintados alguns dizeres referentes aos projetos "Fora de Série", "Quem ama, planta" – Bosque e "Jardim", que são desenvolvidos pela escola e que comentarei posteriormente.

A unidade escolar possui um espaço físico amplo, muito bem organizado e limpo. É dividida em sala da direção, secretaria, sala dos professores, almoxarifado, biblioteca, banheiro para funcionários e professores, banheiro para alunos, refeitório, pátio coberto, cozinha, 18 salas de aula, sala de informática, sala de recursos e sala para assistência social.



Parque Infantil

A biblioteca possui cerca de 5.000 livros. Constitui-se num ambiente alegre e agradável: é razoavelmente ampla, possui bonitas cortinas vermelhas nas janelas, confortáveis sofás para quem quiser sentar-se para ler, mesas e cadeiras para estudos, paredes decoradas com figuras infantis, etc. Os livros são divididos em várias estantes e organizados conforme os assuntos que se tratam. O acervo é informatizado e possui uma funcionária responsável no período da manhã e outra no período da tarde. Todos os alunos e funcionários da escola possuem uma carteirinha para retirar livros. Além de livros para crianças e jovens, a biblioteca também possui livros direcionados à formação dos professores, pois está sempre incentivando os mesmos a estudar, se atualizar, buscar soluções para problemas referentes as suas práticas, enfim, enriquecer suas formações. Para KRAMER (1997, p.23):

...é preciso que os professores tenham acesso ao conhecimento produzido na área da educação e da cultura em geral, para repensarem sua prática, se reconstruírem como cidadãos e atuem como sujeitos da produção do conhecimento.



Biblioteca



Espaço da Biblioteca

A escola possui também um consultório odontológico, que foi instalado para atender seus alunos, uma vez que a grande maioria deles é muito carente e não possui orientações de higiene e cuidados básicos para cuidar de seus dentes em casa.

Referente ao espaço de lazer, a escola possui uma ampla área verde, com várias flores e árvores plantadas, onde são desenvolvidos projetos relacionados ao

meio ambiente. Possui também uma quadra descoberta, um campinho de areia e um parque infantil, que pelo que pude perceber são muito bem aproveitados pelos alunos e moradores do bairro.



Espaço interno da escola

A escola faz com que tanto os seus alunos como a comunidade sintam-se parte dela, fiquem à vontade e utilizem o espaço físico com liberdade. Ao mesmo tempo procura torná-los conscientes sobre a importância de se preservar e cuidar dos espaços públicos, pertencentes a todos. Tal fato é de extrema importância para que a criança sintam-se segura e feliz na escola. Também traz bons resultados no que se refere ao aprendizado da mesma, uma vez que sente prazer em passar várias horas de seus dias num lugar onde possui proteção, liberdade, amigos, etc. SOUZA LIMA (1989, p.30) afirma que:

...o espaço físico isolado só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou opressão.

A unidade escolar possui também uma sala de espera, localizada na área administrativa, com banheiros, sofás e televisão, onde a comunidade pode entrar e ficar à vontade para utilizá-la. Em quase todos os dias que visitei a escola havia crianças assistindo tv, em horário oposto às aulas.



Sala de espera

O espaço físico interno é dividido em três grandes pavilhões: no do meio, pelo qual entramos, está localizada a área administrativa juntamente com algumas salas de aula da Educação Infantil. No pavilhão esquerdo encontra-se o restante das salas de aula e no direito o pátio coberto, a cozinha, o refeitório e os sanitários infantis. Os pavilhões são cobertos apenas com telhas galvanizadas. Somente as salas de aulas, administrativas e cozinha são forradas com laje. As paredes são construídas com blocos de cimento à vista, pintadas com cores alegres e caprichosamente decoradas.

As classes são alegres e arejadas, todas decoradas e também pintadas com cores alegres, conforme os assuntos abordados durante as aulas. Segundo a direção da escola, proporcionar um ambiente agradável e bonito aos alunos é de

extrema importância tanto para o bem-estar, quanto à aprendizagem dos mesmos. Muitos deles, por morarem em ambientes pobres e mal-estruturados, não possuem consciência da importância de se conservar e cuidar dos ambientes que freqüentam para se obter uma vida alegre, saudável e de qualidade. Os alunos são constantemente “convocados” por todos os funcionários a ajudar na conservação da limpeza e da escola em geral.



Sala de aula da Educação Infantil

A equipe de funcionários é composta por 73 membros. Dentre eles: 1 diretora, 1 vice-diretora, 2 coordenadoras pedagógicas, 33 professores, 5 monitoras, 4 auxiliares administrativos e 27 auxiliares gerais. Possui também estagiários de Informática, Pedagogia, Assistência Social, Psicologia, Ciência Social e Educação Física.

Os funcionários parecem sentir-se bem à vontade enquanto realizam suas tarefas na escola. Percebi que trabalham com prazer e alegria, possuem laços de amizade e estão sempre dispostos a ajudar uns aos outros. A escola possui um clima agradável para se trabalhar. Vera afirmou que procura não ser uma diretora

"chata" e "implicante" com sua equipe de funcionários, porém analisa a qualidade e exige bons resultados dos serviços solicitados. Na opinião de ALARCÃO (2001, p.21):

As relações das pessoas entre si e de si próprias com o seu trabalho e com a sua escola são a pedra de toque para a vivência de um clima de escola em busca de uma educação melhor a cada dia.

A escola constitui-se numa das maiores do município. Possui cerca de mil e duzentos alunos, divididos entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Desenvolve um constante estudo do meio social onde está inserida, procurando conhecer ao máximo, tanto seus alunos e famílias, quanto as condições em que os mesmos vivem. Tal estudo é realizado de diversas maneiras: - anualmente, a direção da escola entrega a cada família, um questionário sócio-econômico para ser preenchido e desenvolve, posteriormente, um detalhado estudo sobre as respostas dos mesmos. Dessa forma, consegue traçar o perfil geral da comunidade que atende, assim como se informar sobre eventuais mudanças ocorridas na mesma.

Outra maneira utilizada para conhecer melhor o meio é através do trabalho desenvolvido pela Assistente Social da escola, que realiza visitas domiciliares e colhe informações mais detalhadas a respeito da comunidade. A escola também desenvolve pesquisas de satisfação social e fóruns de planejamento participativo duas vezes ao ano, nos quais os pais são convidados a participar, falar sobre suas condições de vida, tirar dúvidas e dar opiniões a respeito da escola, etc. Em reuniões de pais e conversas informais a unidade escolar também acaba conhecendo melhor o meio social no qual está inserida.

O objetivo principal deste estudo é entrar em contato com a cultura e valores da comunidade que frequenta a escola para realizar uma intensa aproximação entre as realidades de ambas as partes e, conseqüentemente, conseguir proporcionar relações de ensino-aprendizagem realmente válidas e significativas aos seus alunos.

Faz isso na medida em que utiliza as informações colhidas a partir do estudo do meio social para elaborar, em conjunto com sua equipe de funcionários, alunos e comunidade, o Projeto Político Pedagógico da escola. Baseia-se nestas informações para direcionar suas práticas, elaborar outros projetos e selecionar os assuntos abordados durante as aulas e as reuniões pedagógicas. Segundo Vera, o meio social no qual o aluno está inserido é um dos principais determinantes de seu processo de aprendizagem, daí a importância de se fazer um detalhado estudo desse ambiente. Para KRAMER (1997, p.20):

Uma proposta pedagógica expressa sempre os valores que a constituem, e precisa estar intimamente ligada à realidade a que se dirige, explicitando seus objetivos de pensar criticamente esta realidade, enfrentado seus mais agudos problemas. Uma proposta pedagógica precisa ser construída com a participação efetiva de todos os sujeitos - crianças e adultos, alunos, professores e profissionais não-docentes, famílias e população em geral - , levando em conta suas necessidades, especificidades, realidade.

Tal estudo do meio faz com que várias dificuldades de aprendizagem apresentadas por alguns alunos, muitas vezes por falta de interesse, diminuam quando os assuntos abordados pela escola passam a ser relacionados ao cotidiano dos mesmos.

Em relação à merenda e ao recreio, os alunos possuem "hora para comer" e "hora para brincar", separadamente: alimentam-se na entrada e saída e brincam no recreio. A direção da escola desenvolveu esse critério, pois muitos alunos carentes, que necessitam se alimentar na escola por possuírem pouca ou, muitas vezes,

nenhuma comida em seus lares, acabavam não se alimentando direito para brincar mais tempo.

As contas da escola são todas fixadas e demonstradas em murais no corredor administrativo, para que funcionários, professores e comunidade tomem conhecimento, opinem ou tirem dúvidas, quando acharem necessário, a respeito da utilização das verbas.

Existe também fixado no corredor, um painel onde são colocadas as principais metas da escola que necessitam de verbas para serem realizadas, como por exemplo: construções, reformas, aquisição de materiais, etc. Conforme são realizadas, tais metas recebem um sinal de "ok" escrito pela Direção da escola para que a comunidade tome conhecimento sobre realização das mesmas.



Painel com objetivos da escola

Cada classe possui um representante de sala, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental, que participa de algumas reuniões promovidas pela direção e ajuda fazer determinadas escolhas e tomar algumas decisões relacionadas à escola em geral ou, mais particularmente, a sua própria sala de aula. Segundo Vera, a existência dos representantes de classe e suas constantes atuações na escola são

de extrema importância para a formação de cidadãos críticos, participativos e atuantes, não só no interior da escola, mas também na sociedade em geral.

SNYDERS (1984, p. 27) afirma que é preciso que os alunos:

... possam exprimir a sua opinião, dizer como sentem a vida escolar; é preciso que eles possam fazer as suas sugestões, que possam participar nas decisões...

Quanto ao corpo docente da escola, a diretora afirmou que "conta" com professores ótimos, que lêem, se atualizam e possuem muita vontade de estudar e buscar soluções para as dificuldades apresentadas por seus alunos e/ou pela escola em geral. Esses últimos aderem às propostas da direção e coordenação com toda boa vontade. Também existem professores que caminham por "osmose", ora se empenham, ora não. E é claro, como em praticamente todos os lugares, existem aqueles que não são receptivos a nenhum tipo de mudança, não demonstram vontade em melhorar suas práticas e, conseqüentemente, a aprendizagem de seus alunos. Porém ela disse que baseia-se sempre nos primeiros para fazer com que as coisas melhorem a cada dia: procura realizar reuniões realmente significativas à formação professor, fazendo com que o mesmo esteja constantemente refletindo sobre sua prática, realizando leituras e estudos de textos variados, discutindo e buscando soluções para os problemas de ensino-aprendizagem apresentados pelos alunos e, o mais importante, despertando, aos poucos, a consciência do professor sobre sua autoformação e responsabilidade social. Segundo GIOSTA (2001, p.17)

Uma condição para o aperfeiçoamento da educação escolarizada pode estar na compreensão de que a formação continuada do profissional docente se dá num encadeamento de ação e avaliação do *ensinar* e do *aprender*. Assim, é importante que o professor passe a considerar que as questões postas pela prática docente, ao invés de representarem razões para desestímulo, podem ser canalizadas para incitar a busca de soluções, e que, em alguns casos, podem despertar no educador a responsabilidade com sua autoformação.

Percebi na diretora da escola, desde o dia em que a conheci, uma grande seriedade e compromisso com a função que exerce. Pareceu-me ter profunda consciência de seu compromisso social com a educação e comunidade que atende. Além da função de diretora, também ministra aulas no período noturno numa faculdade particular da cidade de Limeira.

A Secretaria Municipal da Educação de Limeira costuma convocar, quase sempre, alguns de seus funcionários para reuniões: diretor, vice-diretor, coordenador, secretário, auxiliar geral, professor; etc. O tipo de funcionário convocado depende dos assuntos que serão abordados nas reuniões. Segundo Vera, há reuniões que são realmente necessárias e importantes à escola, porém muitas delas não possuem maior importância do que trabalho muitas vezes "acumulado" da Unidade Escolar. Também é exigida da escola, pela Secretaria da Educação, uma grande quantidade de documentos, referentes a assuntos variados. Dentro desses também existem os necessários, importantes à escola e os que fazem parte, pura e simplesmente, da burocracia da Secretaria.

Como as reuniões e os documentos, citados acima, tomam muito tempo dos funcionários da escola e, principalmente do diretor, Vera afirmou que procura selecionar os compromissos importantes à escola, não comparecendo ou não cumprindo, muitas vezes, os prazos de entrega daqueles que acredita não serem tão importantes à escola naquele momento. Faz isso porque, segundo ela, esses compromissos acabam ocupando muito tempo e prejudicando o desenvolvimento dos projetos e a parte pedagógica da escola. O importante para ela é superar os obstáculos e alcançar melhores resultados referentes à aprendizagem de seus alunos. Para GIOSTA (2001, p.24):

...analisar opiniões e alternativas de ação, enfrentando conflitos que gerem transformação de práticas sacramentadas é uma atitude corajosa da qual uma intenção de reflexão não pode prescindir. Pensar nas conseqüências decorrentes das decisões tomadas que podem assumir dimensões além de pessoais, profissionais, sociais e/ou políticas é uma responsabilidade a ser assumida pelo profissional e esse é um risco que nem todos esperam ou ousam correr.

Vera também demonstrou que possui um sério compromisso com a melhoria da educação e da sociedade em geral, quando afirmou que as escolas deveriam ser "parceiras", buscar juntas soluções para seus problemas: - "Porém, infelizmente, não é o que costuma acontecer, disse ela. As escolas costumam competir entre si, ao invés de ajudarem-se, o que é uma pena, pois juntas poderiam discutir suas experiências e encontrar, com muito mais facilidade, novos caminhos ao progresso e à superação de suas dificuldades".

No capítulo a seguir o leitor encontrará uma análise teórica referente à influência do meio social e da escola na formação do ser humano, juntamente à descrição e análise dos projetos realizados pela EMEIEF "Lucca Moore".

CAPÍTULO III

EM BUSCA DE MELHORES CONDIÇÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM: OS PROJETOS DA EMEIEF “LUCCA MOORE”

Buscando melhores condições de ensino para seus alunos, assim como soluções para as dificuldades de aprendizagem apresentadas por muitos deles, a EMEIEF “Lucca Moore” resolveu realizar um detalhado estudo do meio social no qual seus alunos estão inseridos e, a partir daí, desenvolver projetos variados a fim de criar uma escola voltada realmente ao aprendizado e desenvolvimento dos mesmos, levando em conta a cultura e os conhecimentos prévios trazidos por eles. Para HERNÁNDEZ (1998, p.61):

A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.

Como sabemos, o ambiente no qual nascemos e somos criados exerce papel fundamentalmente determinante em nossa formação como seres humanos e na maneira de assimilarmos os conhecimentos oferecidos pela escola, uma vez que diferentes lugares possuem, na maioria das vezes, diferentes culturas e, conseqüentemente, diferentes maneiras de ver, sentir e se relacionar com o mundo que os rodeiam.

Segundo OLIVEIRA (1997, p.55):

Para Vygotsky, a aprendizagem está relacionada ao desenvolvimento desde o início da vida humana, sendo um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. O percurso de desenvolvimento do ser humano é, em parte, definido pelos processos de maturação do organismo individual, pertencente à espécie humana, mas é a aprendizagem que possibilita o despertar de processos internos de

desenvolvimento que, se não fosse o contato do indivíduo com um determinado ambiente cultural, não ocorreriam.

Percebemos com grande facilidade, ao olharmos mais atentamente para o mundo que nos rodeia, a decisiva influência do nível cultural "global" da família na formação intelectual de seus filhos. Crianças oriundas das classes subordinadas, integrarão quando adultas, muito provavelmente, o setor operário de uma sociedade de classes, já aquelas pertencentes às classes dominantes farão parte da elite intelectual da sociedade e ocuparão, quase sempre, os melhores empregos do mercado de trabalho.

A elite transfere a seus filhos um capital cultural diferenciado de maneira natural, ou seja, os conhecimentos são adquiridos ao longo da vida, através de situações vivenciadas no dia-a-dia. Tais conhecimentos fazem com que essas crianças obtenham uma vida escolar mais rica e produtiva, sem muitas dificuldades.

Segundo NOGUEIRA e CATANI (1998, p.41), para BOURDIEU:

... cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.

Os saberes herdados pelas classes dominantes não fazem parte pura e simplesmente da cultura "escolar", mas sim de uma cultura "livre", cultivada fora dos muros escolares, que influenciam a formação do ser humano muito mais intensamente do que os conhecimentos transmitidos pelas escolas. As crianças pertencentes às classes dominantes adquirem uma cultura "livre" diferenciada daquela existente nas classes populares, por meio de contatos freqüentes com obras de arte em geral, concertos musicais, cinema, peças teatrais, museus, livros,

esportes, línguas estrangeiras, etc. Em NOGUEIRA e CATANI (1998, p. 46), BOURDIEU afirma que:

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças e, muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem a sua posição social.

É importante refletirmos também sobre a questão do sucesso X insucesso escolar: crianças oriundas de classes populares não recebem, na maioria das vezes, estímulos por parte da família para se empenhar na escola, obter alguma profissão e alcançar sucesso em suas vidas profissionais. Diferente daquelas pertencentes às classes dominantes, que trazem consigo, desde cedo, uma vontade enorme interiorizada de obter sucesso na escola e, conseqüentemente, na vida profissional.

Tal vontade interiorizada, conseqüente do meio social a que pertencem, se transforma, no decorrer da vida, em esperanças ou desesperanças em relação ao futuro. Essas últimas dependem, na maioria das vezes, dos sucessos e/ou derrotas adquiridas durante a vida, dentro e fora do ambiente escolar. Segundo BOURDIEU

Em outros termos, a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão social e, mais precisamente, das oportunidades de ascensão pela escola condicionam as atitudes frente à escola e à ascensão pela escola – atitudes que contribuem, por uma parte determinante, para definir as oportunidades de se chegar à escola, de aderir a seus valores ou a suas normas e de nela ter êxito; de realizar, portanto, uma ascensão social – e isso por intermédio de esperanças subjetivas (partilhadas por todos os indivíduos definidos pelo mesmo futuro objetivo e reforçadas pelos apelos à ordem do grupo), que não são senão as oportunidades objetivas intuitivamente apreendidas e progressivamente interiorizadas. NOGUEIRA e CATANI (1998, p.49)

Além do meio social, a escola também representa um determinante fator na formação do ser humano, como já discutimos em capítulo anterior. Por isso, é de extrema importância que ela procure conhecer minuciosamente o ambiente no qual está inserida para, dessa forma, selecionar os conteúdos e as práticas pedagógicas

mais propícias a sua realidade. Exemplifiquemos: um aluno que mora na zona rural de uma determinada cidade, provavelmente, não possuirá a mesma cultura, nem os mesmos conhecimentos prévios e interesses que um aluno proveniente da zona urbana dessa mesma cidade. Caso a escola não desenvolva um detalhado estudo do meio no qual está inserida para estruturar seu Projeto Político Pedagógico, é muito provável que ela não obtenha os melhores resultados possíveis na aprendizagem de seus alunos.

Sabemos que a instituição escolar funciona como uma espécie de reprodutora das desigualdades existentes na sociedade, ao invés de desempenhar o papel de veículo de mobilidade social, como é proposto num de seus principais ideais. Por isso as escolas, em sua maioria, não se preocupam em adequar seus conteúdos e práticas às realidades sociais de seus alunos: oferecem a eles sempre os mesmos conhecimentos e das mesmas maneiras. Cada qual assimila os conteúdos oferecidos de acordo com suas capacidades prévias, adquiridas através do meio social no qual vivem. Acontece, dessa forma, uma espécie de "seleção natural", realizada pelas escolas, que se encarregam, implicitamente, da manutenção da sociedade de classes, formando o trabalhador "intelectual" e o trabalhador "braçal", para ocuparem seus devidos lugares no mercado de trabalho. Em NOGUEIRA e CATANI (1998, p. 41), BOURDIEU afirma que:

É provável por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da "escola libertadora", quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

A cultura ocidental, predominante em nosso país, possui preconceitos em relação aqueles que não se enquadram dentro dela, que são diferentes do modelo

socialmente imposto por ela e, quando se expressam, utilizando suas próprias identidades, são quase sempre discriminados. Tal fato decorre da incompreensão da cultura ocidental em relação às outras, uma vez que a primeira não se predispõe a ouvir e conhecer o diferente de si, a vê-lo como sujeito histórico e agente no mundo.

A escola ocidental, ao invés de oferecer a seus alunos uma aprendizagem significativa, tornando-os sujeitos sociais críticos e atuantes, impõem a eles um ensino "falido", que gera grande insucesso escolar e conseqüentemente sujeitos conformados com a sociedade de classes na qual vivem. A escola faz isso na medida em que não considera seus alunos como sujeitos sociais, donos de uma individualidade e um saber incorporado. Pelo contrário, busca a homogeneização dos mesmos, deixando de lado todo e qualquer "saber incorporado" que os acompanhe.

Para que a escola construa um saber realmente significativo, faz-se necessário que busque, concomitantemente, o ensino e a aprendizagem, que atribua iguais valores ao conhecimento científico e ao conhecimento social.

GUSMÃO (2003) considera a ciência antropológica essencial para a construção de uma educação intercultural, que possibilite a seus alunos um conhecimento significativo, na medida em que une o texto ao contexto, ou seja, a teoria à realidade. Segundo ela, é necessário que se cultive uma Pedagogia da Divergência, que busque a heterogeneidade, deixando para trás a Pedagogia da Convergência, existente atualmente. Dessa forma, serão cultivadas reais possibilidades de se mudar o social, criando-se, através do cultivo e respeito da divergência, jovens mais críticos e participativos, que entendam e respeitem a existência do outro, do diferente de si, e que utilizem as diferenças como formas de aprendizagem.

Para se compreender o outro, diferente de si, é necessário entrarmos em seu mundo e tentarmos partilhar com ele o seu ambiente, a diversidade cultural e social que o caracteriza, muitas vezes tão diferente da nossa. Também é preciso que tentemos destruir o olhar etnocêntrico que possuímos para enxergarmos o mundo diferente do nosso de maneira natural, intensa e significativa, se colocar no lugar do outro e estar disposto a conhecê-lo e aprender com ele.

Um local onde encontramos muita diversidade cultural é a escola, porém na maioria das vezes, costuma-se fechar os olhos para as diferenças para não entrar em conflito com as práticas educativas dominantes.

A escola representa um órgão reprodutor da desigualdade instituída pela sociedade, na medida em que ao invés de ser um local democrático, que abre portas para um mundo melhor, diminui e exclui o diferente, buscando a homogeneidade de seus alunos.

Faz isso na medida em que possui como padrão de seu conteúdo e de sua prática pedagógica a criança de classe média, aproximando a escola da realidade desta última, que se sente muito mais à vontade no ambiente escolar do que uma criança de classe baixa, que chega à escola e passa a ver coisas totalmente diferentes daquelas com as quais está acostumada, onde nada de seu saber incorporado, aprendido no ambiente do qual faz parte, é utilizado. Acontece aí uma ruptura entre o mundo em que ela vive e o que está sendo apresentado a ela, fazendo com que não consiga entender o porquê de estar ali e muito menos o de aprender tudo aquilo. Está aí uma das grandes causas do insucesso escolar: o diferente quase nunca é levado em conta, sua bagagem cultural raramente importa à escola. Segundo CAGLIARI (1989, p.20):

A criança que entra na escola pode certamente levar um choque, por mais que os adultos digam que a escola é isso ou aquilo: se ela for pobre, vier de uma comunidade que fala um dialeto que sofre discriminação por parte dos habitantes do lugar onde se situa a escola, seu caso será realmente dramático, trágico mesmo. Tudo o que ela conquistou até aquele momento será completamente ignorado, embora a escola possa dizer que está partindo do conhecimento de sua realidade. Descobrirá o preconceito desta quanto ao seu modo de falar, andar, vestir, agir, pensar, que no fundo será avaliado por isso, e sentirá uma dor profunda, porque ela, criança, perceberá que isso tudo acontece porque é pobre.

Para GUSMÃO (2003), um dos motivos de tantos insucessos escolares vividos na sociedade moderna decorre do fato de a escola centrar seus processos educativos principalmente na escrita, tornando descontínuo o processo do ensinar e do aprender. É necessário que se leve em conta o conhecimento prévio do aluno, aquele que ele traz do meio social onde vive, e relacione esse último ao conteúdo apresentado na escola. A passagem da oralidade à escrita deve ser algo significativo ao aluno, deve incorporar-se realmente ao seu conhecimento prévio, e não ser apenas apresentado de maneira descontextualizada e sem sentido.

Na escola encontramos uma enorme diversidade cultural. Nela, crianças e jovens vindos das mais variadas realidades sociais passam algumas horas juntos quase todos os dias. Como é reprodutora de uma classe social dominante, a escola acaba, na maioria das vezes, excluindo aqueles vindos de realidades diferentes da instituída por ela, não levando em conta que cada aluno ali presente possui uma individualidade, uma bagagem cultural que traz de casa e é impossível deixá-la do lado de fora da escola. Para GUSMÃO (2003, p.372),

A escola, assim, não reconhece a bagagem cultural que as crianças e jovens trazem consigo e, ao não reconhecê-la, nega a estes um lugar ativo no tecido social. Um lugar de diálogo e de trocas... Com isso, todo discurso da igualdade se abala, pois que o espaço da escola não se separa do espaço fora da escola e aí, as relações não são simplesmente de convivência e de contato cultural.

Em busca de uma aceitação social, a criança, mesmo sem entender, se submete a tudo aquilo que é apresentado a ela, e o professor, obedecendo aos

conteúdos políticos, realiza sua prática sem levar em conta o meio social no qual o aluno está inserido, fazendo com que este último se sinta frustrado e impotente perante a escola:

Não reconhecer a "mentalidade" que nos forma como seres sociais e seus mecanismos instaura, entre o saber do professor e o saber do aluno, uma descontinuidade...o mundo moderno, por não reconhecer um saber que se faz fora da escola e da escrita, um saber que considera a experiência do indivíduo como tal e como sujeito coletivo, que tem na oralidade sua maior expressão, não reconhece a diversidade de saberes socialmente produzidos e desconhece as lógicas através das quais o real é percebido, compreendido e representado. Rompe-se, assim, com as possibilidades de uma prática pedagógica centrada na aprendizagem e esta se faz somente como ensino. (GUSMÃO, 2003, p.201)

No decorrer de sua vida, os jovens pertencentes às classes subordinadas sentem-se cada vez mais excluídos da escola e da sociedade em que vivem, por conta do insucesso escolar. Decidem então, muitas vezes, abandonar os estudos, já que não vêem mais nele, possibilidades de melhoria para suas vidas. SNYDERS (1984, p.29) afirma que:

...se muitos dos alunos não são hoje felizes na escola, não é por razões de método, mas porque o que lhes querem ensinar não os toca profundamente...

O processo educativo deveria basear-se na rica diversidade cultural existente no interior da escola, assim estaria efetivamente caminhando ao princípio de igualdade, tão discutido pelo mundo inteiro.

Atualmente, a ciência da antropologia tem muito a contribuir com a educação na medida em que propõem que esta última conheça seus alunos inteiramente, ou seja, quem são eles, de onde vêm e em qual contexto social estão inseridos:

Por todos os caminhos aqui aventados, cabe ao educador, ao adulto, mediar de modo crítico e reflexivo nas relações que se tem com o mundo, de modo a deslocar o olhar e sua centralidade, instaurando a reflexividade e a comparação – instrumentos fundamentais da ciência antropológica-, e tornando possível a descoberta da alteridade. Com ela, a compreensão do que cada um tem a dizer sobre si mesmo – crianças, jovens e adultos – porém de modo contextualizado, social e

historicamente dado, como indivíduos sociais e membros ativos de um coletivo. GUSMÃO (2003, p.386)

Iturra e Vieira³ acreditam que para se modificar essa realidade vivida atualmente, é necessário que se una o ensino à aprendizagem, o texto ao contexto. No entanto, para que isso aconteça é preciso que as práticas educativas, que buscam a homogeneização de seus alunos, passem a buscar um processo educativo diferente, onde a diversidade seja levada em conta e, dessa forma, uma educação contextualizada e emancipatória seja instaurada. Os autores defendem a idéia de que a Antropologia é a ciência essencial para a construção de um processo educativo intercultural e central para a formação pessoal e social de professores numa sociedade multicultural.

A comparação é sugerida por Iturra e Vieira como um método pedagógico para que se possa alcançar o ensino multicultural referido acima, na medida em que o ser humano, ao se deparar com o diferente, se compara a ele e pode, se estiver disposto, resignificar seus valores e adquirir novos aprendizados.

O papel do adulto ou educador deve ser o de mediador, de maneira que possibilite à criança a descoberta de uma existência não só do saber produzido pela sociedade em que vive, mas também daquele produzido por outros grupos sociais existentes no mundo.

O educador deve, além de dar voz a seu aluno, saber ouvi-lo e estar pronto a aprender com ele. A investigação, a flexibilidade e a comparação, metodologias utilizadas na Antropologia, podem possibilitar que o professor compreenda melhor o processo educativo, no qual ocupa papel tão importante.

³ Autores tomados como base por GUSMÃO (2003) em seu texto: "Antropologia, processo educativo e oralidade: um ensaio reflexivo".

É urgente que a escola passe a atribuir igual importância ao ensino e a aprendizagem, que tais processos se unam de modo intenso e reflexivo e passem a possibilitar um ensino realmente multicultural e significativo. Faz-se necessário que o professor se coloque no mesmo patamar de importância do aluno e esteja disposto a aprender com ele. Pode fazer isso levando em conta tanto a sua história de vida, como a de seu aluno, pois dessa forma enriquecerá sua prática relacionando-a com experiências sociais dos principais sujeitos que compõem o universo escolar:

A partir de sua história pessoal, o professor pode compreender e se comunicar com as histórias de vida de seus alunos, de modo a contribuir para um melhor entendimento do outro, na tentativa de construir uma realidade educativa plural, complexa, crítica e reflexiva. (GUSMÃO, 2003, p.203)

O educador não deve ocupar a posição de único detentor do conhecimento perante seus alunos, mas sim a de mediador entre o saber produzido pela sociedade e pelos grupos sociais que a compõem. Não deve também, de maneira nenhuma, apresentar a seus alunos respostas prontas e imutáveis, mas sim fazê-los transgredir, dando-lhes as ferramentas necessárias para que se tornem capazes de encontrar tais respostas e questioná-las quando não concordar.

A seguir, apresentarei ao leitor, a descrição e análise de alguns projetos realizados na EMEIEF “Lucca Moore”.

PROJETO “FORA DE SÉRIE”

O projeto “Fora de Série” foi implantado na Unidade Escolar no ano de 2001, e constitui-se no principal projeto realizado pela escola. É baseado inteiramente nas seguintes Leis de Diretrizes e Bases Nacionais:

1. - Lei nº4024, art. 104, de 1961 permite “... a organização de cursos ou escolas experimentais, com currículos, métodos e períodos escolares próprios”;
2. - Lei 5692, art. 14, de 1971 afirma que “... verificadas as necessárias condições, os sistemas de ensino poderão admitir a adoção de critérios que permitam avanços progressivos dos alunos pela conjugação dos elementos de idade e aproveitamento”.
3. - Lei 9394, art. 23, de 1996: “A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”.

A Prefeitura Municipal da cidade de Limeira adotou, em 13/05/99, o Regime de Progressão Continuada, o que, segundo a Direção da escola, validou ainda mais o projeto “Fora de Série”.

Segundo o parecer 360/74 do Conselho Federal de Educação, as condições básicas para que o regime acima citado seja adotado e obtenha bons resultados são as seguintes:

- Agrupamento dos alunos levando em conta sua idade cronológica e nível de progresso, ou seja, seu aproveitamento escolar;

- A aprendizagem dos alunos deverá ser avaliada continuamente pelo professor e de diferentes formas;
- Existência de programas diferenciados de acordo com cada grupo de alunos, que sejam gradativos e promovam a diversificação do ensino;
- Capacidade de adaptação da escola ao nível de desenvolvimento de seus alunos;
- Infra-estrutura da escola que permita formação de agrupamentos diversos, conforme níveis de aproveitamento de seus alunos;
- Profissionais da educação com condições de elaborar instrumentos de avaliação que diagnostiquem as condições dos alunos, com vista a agrupar-lhe no grupo adequado ao seu nível de desenvolvimento;
- Disponibilidade de tempo e material didático para o professor elaborar programas de ensino e projetos adequados a cada grupo;
- Registro sistemático do desempenho de cada aluno, visando o planejamento e replanejamento do trabalho pedagógico.

A denominação "Fora de Série", demonstra exatamente o principal objetivo do projeto: abolir a tradicional divisão dos alunos em séries, que segundo Vera constitui-se num histórico resquício herdado do sistema capitalista, que visa, através da divisão do trabalho em séries, obter o máximo possível de lucro e quantidade: - "A escola estava fechada na idéia de série, uma lógica eficaz na produção em fábricas. O problema é que professores não fabricam sapatos e precisam se lembrar disso", afirma Vera, em entrevista dada à Revista Época.⁴

A favor da realização do projeto, os 1.200 alunos da escola foram reagrupados segundo suas habilidades e conhecimentos, medidos em avaliações bimestrais. O

⁴ A escola foi tema de reportagem da série "Escolas Inovadoras" realizada pela Revista Época, em janeiro de 2007.

principal critério para a composição das turmas foi o desempenho apresentado em avaliações de Língua Portuguesa. Após a implantação do projeto, a escola passou a possuir 40 turmas, com cerca de 35 alunos cada uma, nomeadas por nomes de flores para serem identificadas.

O critério utilizado para compor as classes é o nível de habilidade/dificuldade apresentado pelas crianças. Alunos com dificuldades similares convivem no mesmo grupo, e não precisam ter necessariamente a mesma idade, como normalmente acontece em escolas seriadas. Também não é necessário que permaneçam durante um ano inteiro num mesmo grupo: através de avaliações realizadas bimestralmente, a direção da escola, em conjunto com a equipe de professores, verifica quais alunos devem permanecer no grupo em que estão e quais devem mudar de grupo.

Tal fato demonstra um sério respeito e consciência da direção da escola em relação ao tempo de raciocínio, aprendizagem e assimilação dos conteúdos por parte de cada aluno. Segundo HOFFMANN (2001, p.59):

O processo de aprendizagem do aluno não segue percursos programados *a priori* pelo professor. É no cotidiano escolar que os alunos revelam tempos e condições necessárias ao processo. O tempo da avaliação é decorrente de suas demandas e estratégias de aprendizagem e não do curso das atividades inicialmente previstas pelos professores. Uma tarefa igual não é cumprida ao mesmo tempo por todos, porque não representa o mesmo desafio, o que vale para inúmeras situações. Fazê-los cumprir ao mesmo tempo prejudica os alunos que tem mais dificuldade e o tempo de espera torna-se fator desestimulante para outros.

O projeto permite que um aluno de 10 anos freqüente turmas de alfabetização ou que uma criança de 7 anos assista às aulas normalmente ministradas às crianças de 9 anos em escolas seriadas.

Questionada sobre o projeto e o fato de trocar de sala de aula várias vezes ao ano, Tainá respondeu:

- “No começo do ano eu não conhecia ninguém na minha classe. Aí fiz um monte de amizade e não ligo mais. Consegui aprender melhor e mudar de classe de novo!”

O fato de a escola levar em conta o desempenho dos alunos na aprendizagem da Língua Portuguesa para dividir suas classes, demonstra uma importante consciência da mesma no que se refere à aquisição da leitura e escrita para o desenvolvimento global de seus alunos como seres humanos. Para MELLO (2005, p.26):

...a aquisição da leitura tem um papel enorme no desenvolvimento cultural e psíquico da pessoa, uma vez que dominar a escrita significa dominar um sistema simbólico extremamente complexo que cria sinapses essenciais para outras formas elaboradas de pensamento.

A implantação do projeto exigiu maiores esforços de todos: o material didático passou a ser desenvolvido pelos professores da escola, a carga-horária de reuniões pedagógicas aumentou para que tivessem mais tempo de estudar soluções para os problemas apresentados, analisar os resultados do projeto e desenvolvimento dos alunos, etc. Para isso, as emendas de feriados tiveram que ser abolidas, o que acabou gerando descontentamentos por parte de algumas pessoas: - “Claro que inicialmente houve resistência por parte de muitos professores, que julgavam o projeto arriscado e trabalhoso demais”, afirmou a diretora da escola em entrevista à Revista Época. “Mas isso acabou depois que os professores perceberam o significado da mudança”.

Visando a obtenção de melhores resultados com o projeto, a escola implantou o “monitoramento”, onde os professores são atendidos pela coordenação e/ou direção individualmente. Nesse momento, a direção/coordenação estuda,

juntamente com o professor, o Diário de Classe, cadernos e apostilas de alunos, quando necessário. Também é um momento utilizado para que o professor reflita sobre sua prática e, a partir daí, busque soluções para os problemas diversos encontrados na sala de aula. A prática pedagógica...

...precisa ser planejada, organizada e transformada em objeto de reflexão, no sentido de buscar não só o avanço cognitivo dos alunos, mas propiciar as condições afetivas que contribuam para o estabelecimento de vínculos positivos entre os alunos e os conteúdos escolares. (LEITE e TASSONI, 2002, p.140)

Outros pontos refletidos nesse momento são o relacionamento do professor com os demais companheiros do grupo, a linearidade pedagógica e os demais projetos desenvolvidos pela escola.

Segundo a Direção, desde sua implantação, o projeto apresenta bons resultados, facilitando o trabalho do professor e o aprendizado do aluno, uma vez que todos caminham mais ou menos juntos e se ajudam entre si, tornando as aulas mais ricas e produtivas. Segundo HOFFMANN (2001, p.67):

Levado a confrontar suas idéias com as dos colegas, ou em textos referentes, vivendo situações-problema relacionados ao assunto, o aluno irá compreender e evoluir em seus conceitos. Tais atividades podem ser sugeridas pelo professor, sem implicar explicações individuais e maior tempo de envolvimento com cada aluno.

Sobre o surgimento da idéia, desenvolvimento e implantação do projeto, Vera afirmou que: - "Cada escola deve buscar seus próprios caminhos para solucionar seus problemas e melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Cada caso é um caso. Buscamos e encontramos nossos caminhos, que estão fazendo bem para nossa escola, mas isso não significa que dariam certo em outro lugar, com uma realidade diferente da nossa".

Para EZPELETA e ROCKWELL (1989, p.11):

... a construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma versão local e particular neste movimento.

Pude perceber também, que o projeto "Fora de Série" traz bons resultados no que se refere à auto-estima dos alunos, uma vez que os mesmos conseguem acompanhar o restante da sala e não ficam sentindo-se inferiores uns aos outros. A solidariedade e o espírito de equipe são outros pontos desenvolvidos pelo projeto, na medida em que se estimula o trabalho em grupo durante as aulas e os alunos acabam tornando-se sempre dispostos a ajudar uns aos outros.

O projeto "Fora de Série" engloba as disciplinas de Matemática, Português, História, Geografia e Ciências. Nas aulas de Artes e Educação Física ocorrem rodízios por cartões, onde os alunos são distribuídos nas turmas de maneira aleatória a cada dia.

Segundo dados publicados pela Revista Época sobre o projeto "Fora de Série" da EMEIEF "Lucca Moore", no ano de 2001...

...cerca de 60% dos alunos de 2ª a 4ª série não sabiam ler e escrever e saíram da escola do modo como entraram: analfabetos. Hoje, no que poderia ser considerado 2ª, 3ª e 4ª séries da escola, há menos de 40 alunos não-alfabetizados, cerca de 5% dos matriculados nesses períodos.

O projeto trouxe ainda mais resultados positivos: a escola não teve nenhum aluno evadido nos últimos dois anos e deixou de ser depredada. Para a diretora, o trabalho ainda tem de ser melhorado: "Não somos uma escola perfeita, afirma ela. Precisamos aprimorar o modo de agrupamento. O comportamento e o desempenho em outras disciplinas deverão ser incluídos neste ano como critérios para agrupamento dos alunos".

O fato de a escola desenvolver o projeto "Fora de Série" baseando-se em detalhados estudos do meio social no qual está inserida, faz com que o mesmo obtenha tantos resultados positivos, uma vez que o agrupamento dos alunos independente da idade dos mesmos, respeitando o nível de aprendizado, a familiaridade com a língua escrita e as dificuldades de cada um, faz com que os mesmos construam uma relação saudável e prazerosa com os conhecimentos apresentados e com a escola em geral.



Dizeres do Projeto "Fora de Série", pintados no muro da escola.

PROJETO "LIGA DA LEITURA"

O projeto Liga da Leitura foi desenvolvido pela EMEIEF "Lucca Moore" em parceria com uma estudante de psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), que após meses de estudos e investigações a respeito da realidade da escola, firmou uma parceria com a Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), autora de um Programa de Leitura, que possui os seguintes objetivos:

- Ensinar a ler com compreensão textos de diferentes níveis de complexidade;
- Ensinar a escrever sob controle de ditado;
- Desenvolver estratégias de auto-monitoramento de leitura;
- Desenvolver o gosto pela leitura.

O último objetivo do projeto, citado acima, possui extrema importância à vida escolar dos alunos, possibilita um melhor aprendizado da língua portuguesa e conseqüentemente das demais disciplinas, uma vez que a primeira representa a base para a compreensão dos demais conteúdos trabalhados pela escola.

Como sabemos, a facilidade ou dificuldade e o interesse no aprendizado da leitura e escrita acontecem por meio do contato pré-existente entre a criança e a língua escrita em geral, como livros, jornais, revistas, etc, no decorrer de sua vida:

Uma criança que viu desde cedo sua casa cheia de livros, jornais, revistas, que ouviu histórias. Que viu as pessoas gastando muito tempo lendo e escrevendo, que desde cedo brincou com lápis, papel, borracha e tinta, quando entra na escola, encontra uma continuação de seu modo de vida e acha muito natural e lógico o que nela se faz. Uma criança que nunca viu um livro em sua casa, nunca viu seus pais lendo jornal ou revista, que muito raramente viu alguém escrevendo, que jamais teve lápis e papel para brincar, ao entrar para a escola sabe que vai encontrar essas coisas lá, mas sua atitude em relação a isso é bem diferente da da criança citada no parágrafo anterior. E a maneira como a escola trata da sua adaptação pode lhe trazer apreensões profundas, até mesmo desilusões.
(CAGLIARI, 1989, p.21)

SNYDERS (1984, p.19) possui opinião semelhante:

as crianças que vivem num meio onde ninguém ou quase ninguém se interessa, digamos, pela leitura de livros, devido às condições de vida, à sobreexploração, às condições do trabalho, etc., essas crianças hão-de vir a ter pouca vontade de ler.

O projeto é dividido em diferentes módulos de Ensino, de acordo com o nível de aprendizagem que cada aluno se encontra:

- Módulo 1: Ensino individual e informatizado de palavras com sílabas simples (consoante-vogal);
- Módulo 2: Ensino individual e informatizado de palavras com sílabas simples complexas (dificuldades da língua);
- Módulo 3: Ensino individual monitorado por um instrutor de leitura de livros infantis.

Segundo a Direção da escola, um fator importante desse projeto é que ele é informatizado e atende os alunos individualmente ou em duplas, o que faz com que os mesmos se interessem mais pelo programa e aprendam com maior facilidade, uma vez que é apresentado a eles algo diferente do que estão acostumados em sala de aula, fazendo com que a probabilidade de recusa por parte da criança diminua. Também evita que surjam sentimentos de frustração por parte da mesma, que muitas vezes já foi atendida por algum outro tipo de programa e ainda assim não obteve melhoras.

Muitas vezes, depois de várias tentativas sem sucesso, algumas crianças sentem-se incapazes, perdendo praticamente toda a vontade de aprender a ler e escrever, e acabam reagindo de diversas formas:

Várias tentam se adequar às normas e copiam da lousa mesmo sem saber como e por quê. Outras se recusam a copiar e ficam paradas, observando alguma coisa, desenhando, rabiscando e arrancam folhas do caderno, trocam cochichos, procuram outras coisas para fazer. Surge o espaço ideal para a chamada indisciplina na sala de aula. (SMOLKA, 1999, p.37)

Muitas crianças classificadas pela escola como "indisciplinadas" são, muitas vezes, alunos que trazem consigo grandes dificuldades de aprendizagem e que, não conseguindo acompanhar o raciocínio do restante da turma, acabam se cansando

de ficar ali parados, sem entender nada, e passam a procurar algo mais interessante a fazer, o que na maioria das vezes, é inadequado aquele momento da aula.

Outro ponto positivo que o projeto traz é a elevação da auto-estima do aluno, uma vez que o programa desenvolvido trabalha enfatizando os acertos e extinguindo os erros, o que faz com que o aluno sintam-se cada vez mais capaz de aprender.

Como o atendimento é realizado com um número reduzido de alunos de cada vez – um ou dois no máximo, - o professor consegue conhecê-los melhor e perceber quais são as reais dificuldades que os mesmos possuem e que acabam comprometendo o desempenho escolar.

Vera também relata a importância de o projeto ser dirigido por uma estudante de psicologia, que traz uma perspectiva diferenciada da do professor a respeito das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos: "Ter uma estudante de psicologia à frente do projeto nos dá a perspectiva da importância do trabalho desse profissional dentro das Unidades Escolares, o que significa um olhar sobre o aluno com problemas na aquisição da linguagem oral e escrita, fora do olhar 'escolástico' por assim dizer, pura e simplesmente, além de ser, ao meu ver, altamente inovador do ponto de vista institucional".

Em consulta informal realizada com o corpo docente da escola a respeito do projeto, verificou-se que os professores encontram-se bastante satisfeitos com os resultados alcançados pelo mesmo. Segundo eles, o nível de auto-estima, organização e aquisição da escrita dos alunos encaminhados ao programa melhorou bastante desde o início do trabalho.

Atualmente o projeto "Liga da Leitura" possui uma parceria com a Sala de Recursos⁵ da escola, uma vez que os resultados obtidos pelo mesmo foram bastante positivos. Portanto, resolveu-se unir um ao outro, como forma de buscar ainda mais melhorias ao processo de ensino-aprendizagem da Unidade Escolar.

A Direção da Unidade Escolar pretende ainda expandir o Projeto "Liga da Leitura" para outras escolas do município, o que demonstra séria preocupação e compromisso social com o ensino público e gratuito em geral, não somente com seus alunos.

Além do projeto "Liga da Leitura", existe na EMEIEF "Lucca Moore" o "Projeto de Leitura", desenvolvido na biblioteca da escola, onde duas professoras, que fizeram um curso de "Contação de histórias" na Unicamp, realizam um trabalho para estimular a imaginação e a criatividade, desenvolver a familiaridade dos alunos com a língua escrita, e, principalmente, o gosto e interesse pela leitura. Durante a realização do projeto, são utilizados recursos áudios visuais e diferentes cenários, como colchas de retalhos, "caixas surpresas", "baú de memórias", cartazes, fantoches, lenços, etc; para tornar os momentos de contação de histórias mais ricos e prazerosos.

Lucas, um aluno de 10 anos de idade comentou, quando perguntei a ele o que achava sobre a "contação de histórias":

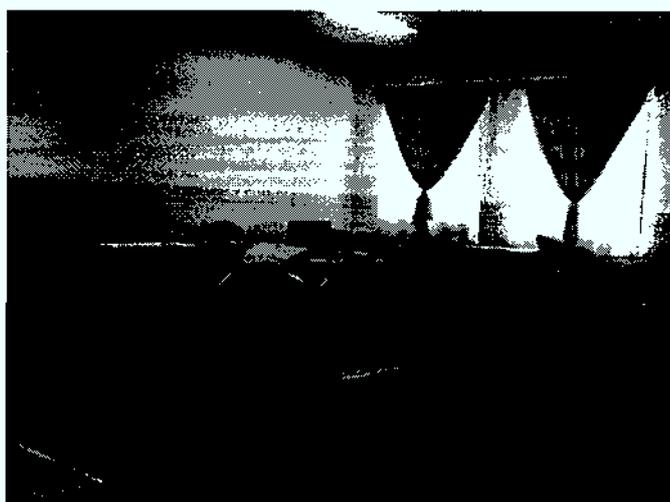
- "É muito legal! A gente fica tudo na biblioteca sentado ouvindo a professora contar história... Toda segunda-feira! Eu gosto pra caramba!"

Desenvolver projetos voltados à familiarização e aprendizagem da leitura e escrita baseando-se, principalmente, no meio social em que seus alunos estão

⁵ Sala de aula da escola onde os alunos que possuem maiores dificuldades de aprendizagem são atendidos por um professor especializado em Educação Especial, em pequenos grupos, algumas vezes por semana, onde são propostas atividades diferenciadas com o intuito de diminuir as dificuldades e melhorar o rendimento do aluno.

inseridos, constitui-se num ponto de extrema importância ao desenvolvimento e sucesso dos mesmos na escola, pois estes acabam entendendo de forma significativa a relação existente entre os conhecimentos apresentados pela escola e o cotidiano vivido fora dela e, dessa forma, conseguem obter mais sucesso e alegria na vida escolar.

A escola também possui uma parceria com a Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), onde alunos do curso de Educação Física, orientados por seus professores, realizam um estudo a respeito das dificuldades motoras apresentadas por algumas crianças e, a partir de então, trabalham tentando amenizá-las e/ou solucioná-las, uma vez que estas refletem diretamente no aprendizado dos alunos. Os estagiários atendem às crianças algumas vezes por semana, numa sala da escola reservada especificamente ao projeto, retirando-as da classe por aproximadamente 50 minutos de cada vez. O trabalho é realizado individualmente, onde os alunos são levados a realizar algumas atividades voltadas especificamente à melhora da coordenação motora.



Sala de Recursos e local onde é realizado o Projeto "Liga da Leitura"

PROJETO "ESCOLA DA FAMILIA"

Além de estar sempre procurando conhecer seus alunos e o meio social no qual estão inseridos, a escola procura estabelecer uma boa relação com a comunidade: participa do projeto "Escola da Família" e se mantém aberta também aos finais de semana, sempre com alguém da Direção responsável, para que os moradores possam vir e utilizá-la como centro de lazer: - "Acho isso muito importante para cultivarmos uma boa relação entre escola e população, disse Vera. A escola é uma das poucas opções de lazer do bairro. Abrindo suas portas à comunidade, crio laços de amizade com ela e, o mais importante, recebo o respeito e o cuidado de todos com a escola e funcionários, e não tenho problemas com roubos e destruição do prédio. Os alunos e moradores gostam de vir aqui brincar, jogar bola, se divertir.

Na opinião de LUCCHESI (1997, p,236):

O processo de indisciplina que se instaura nas escolas pode ser compreendido a partir das relações de poder que advém dos diferentes valores das pessoas que compõem as comunidades interna e externa das escolas e perpassa todo o universo da prática pedagógica, a qual só será efetiva se atender sempre às necessidades do aluno e da comunidade a que serve. É por essa razão que transformar a escola em palco de lutas ideológicas ou de interesses panfletários pode desviá-la de seus principais objetivos e, em especial, de formar o aluno para a cidadania.

As crianças e jovens da comunidade estão presentes na escola com grande frequência. Muitos alunos voltam em período oposto ao horário das aulas para passear, brincar, participar de projetos, etc. A Unidade Escolar constitui-se numa instituição verdadeiramente pública, cultiva e dá exemplos sobre os reais valores de cidadania, procurando estabelecer uma relação saudável com a população que a cerca, fazendo com que a mesma sinta aquele espaço como realmente público, e

dessa forma respeite e cuide dele como se fosse seu. Para ALARCÃO (2001, p.25), as instituições escolares:

Ao serem pró-ativas em sua interação, ajudam a sociedade a transformar-se, cumprindo assim um aspecto da sua missão. (ALARCÃO, 2001, p.25)

Durante a semana existe também um projeto relacionado ao Esporte, onde a Guarda Municipal da cidade, em parceria com a escola, fornece um de seus guardas para acompanhar as crianças e jovens durante as atividades de lazer, organizar campeonatos, etc. Não só os alunos, mas também outras crianças e jovens da comunidade podem entrar na escola e jogar tênis de mesa, basquete, futebol de areia, etc.

Além de estabelecer uma boa relação entre a escola e a comunidade, pude perceber que este projeto também acaba cultivando uma boa relação entre as crianças e jovens com o guarda municipal, transformando a idéia que eles geralmente possuem da figura de um policial. Passam a percebê-lo e enxergá-lo como um profissional que existe para proteger e manter a paz entre as pessoas, diferente dos sentimentos cultivados até então: como o medo ou a raiva, decorrentes do ambiente social violento e tumultuado em que vivem, onde a polícia é obrigada a atuar com bastante freqüência.

Em conversa informal com alguns alunos, Mateus comentou:

- "Eu participo do projeto de esportes! Jogo bola. É muito legal. O guarda já levou a gente em um monte de lugar: na Vila Belmiro, na Ripasa ... Até na praia!"



Imagem pintada no interior da escola

A direção da Unidade Escolar também possibilita que algumas instituições existentes no bairro utilizem-na para promover encontros em finais de semana ou feriados, quando necessário. Entre elas encontramos:

- Grupo de Vicentinos da Igreja Católica, que distribui, quinzenalmente, cestas básicas às famílias carentes;
- Igreja Santa Lúcia, que promove, anualmente, um encontro com cerca de 200 crianças para almoço de confraternização e recreação;
- Comunidade Filadélfia, realiza encontros semestrais durante três dias consecutivos com o intuito de evangelização e orientação familiar;
- N.A.F. - Núcleo de Atendimento Familiar;
- Pastorais da saúde, da família, e da criança, vinculadas às igrejas, independente da doutrina: também realizam um trabalho de auxílio às famílias carentes;
- Educação de jovens e adultos (EJA), no período noturno.

Pude perceber que a EMEIEF “Lucca Moore” procura estabelecer constantemente uma boa relação com a comunidade na qual está inserida não só através do projeto “Escola da Família”, mas principalmente através de suas ações

praticadas diariamente, onde procura conhecer cada vez mais o meio social no qual seus alunos vivem e quais são suas maiores dificuldades em relação à escola e a vida em geral, tentando ajudá-los a solucionar ou amenizar, ou respeitando-as quando não é possível oferecer ajuda.



Alunos brincando na quadra da escola em período oposto ao horário de aulas

PROJETO “OLHAR DE PERTINHO”

O projeto “Olhar de pertinho” constitui em verificar quais são os alunos que necessitam de um “olhar” mais de perto, ou seja, de uma atenção maior, tanto nas condições psicológicas e afetivas, quanto nas pedagógicas. Depois de verificados, os alunos são sorteados e cada um deles passa a possuir um “padrinho” ou “madrinha” na escola. Esses “padrinhos” passam a acompanhar bem de “pertinho” a vida desses alunos, elogiando, orientando, ajudando, ou cobrando, conforme se fizer necessário. Desde os funcionários até a direção possuem um “afilhado”.

Segundo a Direção, esse projeto possui uma importância muito grande para determinadas crianças da escola. Muitas delas apresentam significativas melhoras no que se diz respeito à aprendizagem em geral, vontade de aprender, alegria, auto-estima, etc; após passarem a possuir alguém que dê maior atenção, carinho, acompanhe, ensine, cobre, elogie, etc. Acabam, na maioria das vezes, recebendo a atenção que não possuem em suas casas e, dessa forma sentem-se felizes e se esforçam para aprender, realizar as tarefas da escola, melhorar o comportamento quando necessário, etc.

Os fenômenos afetivos são diretamente dependentes das ações do meio sociocultural, e estão relacionados à qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Tais experiências são responsáveis pelo sentido afetivo que atribuímos aos objetos culturais. LEITE e TASSONI (2002, p.115) afirmam que:

No estreito entrelaçamento entre afetividade e cognição, as conquistas do plano afetivo são utilizadas no plano cognitivo, e vice-versa.

A afetividade representa um elemento essencial na construção da identidade do ser humano, também é através dela que o mesmo entra em contato com o mundo simbólico, dando origem à atividade cognitiva e possibilitando ou não o seu avanço. O conhecimento do mundo objetivo é feito de modo sensível e reflexivo, envolve o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar.

O processo de ensino-aprendizagem acontece a partir das relações estabelecidas entre o adulto e a criança, fazendo com que a afetividade desempenhe papel determinante à aprendizagem do aluno:

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê – afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. Pode-se afirmar, sem exageros, que a qualidade da mediação, em muitos casos, determina toda a história futura entre o aluno e um determinado conteúdo ou prática desenvolvida na escola. (LEITE e TASSONI, 2002, p.132)

O fato de a escola atribuir grande importância ao meio social no qual seu aluno está inserido e ao lado afetivo do mesmo, demonstra uma grande consciência da mesma em relação ao desenvolvimento global de seu aluno, e contribui, conseqüentemente, de maneira significativa ao aprendizado do mesmo.

PROJETO "BATE LATA"

Esse projeto é realizado por um estagiário do curso de Ciências Sociais, que ensina as crianças tocar alguns instrumentos musicais de origem africana, como "surdo", "caixinha", "pandeiro", etc.

No início eram utilizadas latas de alumínio nas aulas, atualmente elas estão sendo dadas com instrumentos musicais industrializados.

O "Bate Lata" constitui-se num projeto de extrema importância às crianças e jovens da comunidade, uma vez que valoriza e os coloca em contato com uma cultura da qual, a maioria deles, é descendente. Para se cultivar uma educação emancipatória e significativa à vida das crianças...

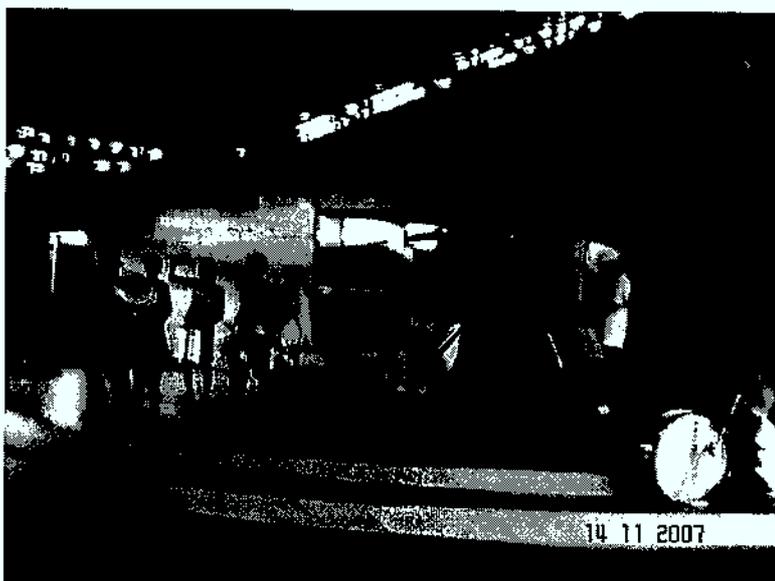
...se deve, principalmente, tomar boa consciência dos valores da cultura dos alunos. E essas culturas, esses desafios, as canções que eles apreciam, as bandas desenhadas que eles lêem, os problemas que levantam, tudo isso é o mundo deles, e se nós, professores, não dermos valor a esse mundo, à vida deles, eu quase diria que nos será difícil gostar deles e que não conseguiremos vencer o fosso que nos separa. (SNYDERS, 1984, p.23)

O contato com a música também desenvolve a auto-estima, traz alegria, bem estar, acalma, auxilia no desenvolvimento do raciocínio, do trabalho em equipe, etc.

Percebi nos alunos que participam do projeto, um certo orgulho em fazer parte da "banda", uma grande vontade e alegria em participar das aulas e aprender. Certa vez eu estava no portão da escola e presenciei um garoto, de cerca de dez anos de idade, chegando, correndo e gritando: - "Dá licença! Tô indo pra minha aula de "bate lata"! Dá licença! Dá licença!"

O projeto "Bate Lata" possui grande significado à relação estabelecida entre o aluno e a escola, uma vez que entra em contato e valoriza a cultura do meio social

do qual o mesmo faz parte, contribuindo, dessa maneira, à elevação do interesse e melhoria na aprendizagem geral do aluno.



Alunos tocando no projeto "Bate Lata"

PROJETOS RELACIONADOS AO MEIO AMBIENTE

A escola desenvolve vários projetos relacionados ao meio ambiente. Possui grande preocupação em conscientizar seus alunos a respeito da importância de se preservar, cultivar e cuidar da natureza, procurando desenvolver nos mesmos uma significativa consciência ecológica, para que atuem na sociedade em que vivem de maneira crítica e sadia, conservando e defendendo o meio ambiente do qual fazem parte, exercendo conscientemente a função de verdadeiros cidadãos.

A educação ambiental tornou-se lei em 27 de Abril de 1999. Segundo a Lei N° 9.795 – Lei da Educação Ambiental, em seu Artigo 1º "... entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade."

Em seu Art. 2º lemos: "A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal".

- "QUEM AMA, PLANTA" – BOSQUE

O projeto "Quem ama, planta" – Bosque, refere-se a plantação de algumas árvores nativas do Brasil, realizada no jardim da frente da escola. No muro existente atrás da parte reservada para a plantação das espécies nativas, lê-se: "Neste local, estamos cultivando árvores nativas do Brasil. Nossos alunos plantaram as sementes e agora estamos observando seu crescimento. Cuide deste local!".



Projeto: "Quem ama, planta" - Bosque

- "JARDIM"

O "Jardim" também é um projeto realizado na área externa da Unidade Escolar. Constitui-se no cultivo por parte dos alunos de um jardim em frente à escola. Atrás dele, no muro encontramos as seguintes palavras: "Estamos iniciando um trabalho neste jardim. Pretendemos que no futuro, ele seja um presente para os seus olhos. Colabore conosco!"



Projeto: "Jardim"

- “QUEM AMA, SEMEIA E CULTIVA”

O projeto “Quem ama, semeia e cultiva” consiste na realização de plantações e cultivos de hortas num espaço existente no fundo da unidade escolar, onde os alunos plantam, cuidam e observam de perto algumas reações da natureza.

Desenvolver projetos relacionados à preservação e cultivo do meio ambiente possui grande importância à formação de verdadeiros cidadãos, conscientes e atuantes na natureza. Pode perceber que a EMEIEF “Lucca Moore” procura desenvolver em seus alunos uma séria consciência ecológica quando desenvolve tais projetos, levando em consideração o meio social no qual está inserida e o fato de seus alunos, não possuírem, em sua grande maioria, nenhum tipo de respeito e valorização da natureza e, conseqüentemente, do meio ambiente no qual vivem.

Certo dia, quando conversava com algumas alunas a respeito dos projetos de meio ambiente, Karen falou:

- “Eu participo de um projeto! Ajudei plantar um monte de árvores. É muito legal!”

Ouvindo a colega, Letícia interrompeu:

- “Mas a gente não só planta árvore! O professor explica mais um monte de coisas... ensina sobre as plantas, sobre a natureza! Leva a gente passear no horto florestal!”

- DEMAIS PROJETOS

A escola participa também dos seguintes projetos:

- Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob a responsabilidade da Diretora do EMES;
- Brasil Alfabetizado, sob a responsabilidade do ISCA;
- Tele Sala – Ensino Médio – sob a responsabilidade da Secretaria Municipal da Educação de Limeira, em parceria com o Instituto Macuco e Fundação Bradesco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a realização do presente trabalho trouxe inúmeros benefícios a minha formação, na medida em que possibilitou um contato maior do que já havia tido durante os estágios da faculdade com a realidade de uma instituição escolar pública. Percebi que cada escola constitui-se num ambiente único, possui inúmeras singularidades decorrentes tanto do meio social no qual está inserida, como, e talvez principalmente, da atuação da equipe de direção e funcionários que a constituem.

O trabalho também me fez buscar novos referenciais teóricos para fundamentar as discussões referentes ao meu projeto de pesquisa. Entrei em contato com novas obras, assuntos e autores que até então não conhecia, o que certamente acabou contribuindo, e muito, para minha formação.

Assim como todas as escolas públicas brasileiras, a EMEIEF “Lucca Moore” também recebe fortes e inevitáveis influências da sociedade de classes na qual vivemos, por isso apresenta inúmeros reflexos de uma sociedade capitalista, como por exemplo a falta de verbas para reformas, investimentos em materiais didáticos para professores e alunos e aquisição de materiais em geral, decorrentes do baixo investimento do governo no setor educacional que, como vimos em capítulo anterior, se dá de maneira intencional por parte do Estado. Este último possui, intrinsecamente, a função de manter a sociedade de classes na qual vivemos e, conseqüentemente, a riqueza das classes dominantes.

Investir em educação não é “interessante” ao governo brasileiro, pois ao oferecer uma educação realmente de qualidade a sua população, ele estaria, conseqüentemente, formando cidadãos verdadeiramente críticos e atuantes na

sociedade, que lutariam pelos seus direitos, opinando e criticando aquilo que não concordassem.

O sistema capitalista inclui e exclui seus cidadãos, segundo as conveniências do lucro. A diversidade cultural é quase sempre ignorada por ele, uma vez que busca incessantemente uma cultura homogeneizadora, valorizando a cultura das classes dominantes e tratando a cultura das demais classes sociais como não-culturas. A instituição escolar representa uma das principais ferramentas, utilizadas pelo capitalismo contemporâneo, que viabilizam a conservação da sociedade de classes.

A escola possui, intrinsecamente, a função de preparar os cidadãos para o mercado de trabalho: às crianças e jovens pertencentes às classes dominantes é proporcionada uma educação elitizada, para que se tornem, futuramente, cidadãos intelectuais, críticos e atuantes na sociedade. Já aqueles oriundos das classes populares costumam receber apenas as ferramentas suficientes para ocuparem cargos da massa trabalhadora da sociedade, possibilitando cada vez mais lucro ao mercado, e possuindo sempre atitudes conformistas em relação aos baixos salários e as más condições de trabalho que lhes são oferecidas.

Acredito ter conhecido, em decorrência do presente trabalho, uma escola realmente inovadora, que possui sim forte influência do capitalismo contemporâneo e várias características do antigo e tradicional sistema educacional brasileiro, como por exemplo alguns conteúdos de seu currículo e a maneira como são transmitidos aos alunos. Porém, a escola retratada neste estudo está constantemente causando admiração em inúmeras pessoas e seus usuários, por estar investida de um "espírito inconforme", batalhador, que luta pelos ideais de seus profissionais e busca

incessantemente melhorias à comunidade que pertence, potencializando o aprendizado de seus alunos e a formação de seus professores e funcionários.

Tive a oportunidade de entrar em contato com uma escola que não possui a gestão social apenas como uma concepção abstrata, mas que tem a prática e a teoria como um constante hábito cotidiano, um estilo de trabalho e uma maneira diversa de relacionar-se com a comunidade que atende e demais instituições: qualquer um que adentra os muros da escola é bem recebido pelos funcionários e recebe a atenção que necessita, não importando classe social, idade, raça, cor, grau de escolaridade, etc. Na opinião de FREIRE (1993, p.89):

É preciso e até urgente que a escola se vá tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte contudo o direito de quem diverge exprimir sua contrariedade.

Percebi a prática da gestão social na EMEIEF “Lucca Moore” também ao observar o valor que ela atribui à opinião dos professores, funcionários, pais e alunos, quando promove e valoriza reuniões do Conselho de Escola, fóruns sociais participativos, pesquisas de satisfação direcionadas à comunidade, reuniões de representantes de classe, etc. Também expõe seus orçamentos e controle de verbas a todos que quiserem e tiverem interesse em ver.

O meio ambiente no qual o ser humano nasce e vive exerce determinante influência na sua formação global, como já discuti em capítulo anterior. Tal formação global exercerá, conseqüentemente, determinante influência na vida escolar do mesmo, na maneira de se relacionar com o ambiente escolar e com os conhecimentos que serão apresentados a ele ao longo dos anos, pela escola.

A EMEIEF "Lucca Moore" demonstra clareza em relação à influência do meio social na formação do ser humano ao desenvolver inúmeros projetos voltados exatamente ao estudo do meio no qual está inserida. Segundo FREIRE (1993, p.79):

Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõem: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem.

Ao entrar em contato com os projetos desenvolvidos pela unidade escolar em questão, percebi a real importância de se criar um ensino voltado ao meio social no qual a escola está inserida, de se estabelecer uma relação saudável com a comunidade e da importância da afetividade na relação de ensino-aprendizagem; aspectos que havia tido contatos através de leituras e que trouxeram novas contribuições a minha formação quando conhecidos na prática.

Os diversos projetos implantados pela escola representam a base para o ensino diferenciado que a mesma oferece. Os alunos que a freqüentam pertencem a uma classe social muito carente não só em relação aos recursos financeiros, mas também em termos educacionais e afetivos. Os projetos, além de valorizar a cultura da comunidade e dos alunos que freqüentam a escola, procuram possibilitar a eles as melhores condições possíveis, tentando elevar a auto-estima e fazer com que se tornem cidadãos críticos, conscientes e atuantes, que busquem saídas para seus problemas e passem a enxergar a educação como um meio para obter melhores condições de vida.

O projeto "Fora de Série", juntamente ao "Liga da Leitura", possibilita que o aluno que possui dificuldade no aprendizado da língua escrita consiga alfabetizar-se, deixando de lado a frustração e o sentimento de incapacidade, muitas vezes adquiridos após várias tentativas em aprender a ler e escrever sem êxito.

Cultivar uma boa relação com a comunidade não só através do projeto “Escola da Família”, mas também por meio de suas práticas e hábitos diários, representa grande parte do sucesso que a escola têm alcançado ao longo dos anos, em relação à melhora de seu processo de ensino-aprendizagem, conseqüente, dentre outros motivos, do convívio sadio com a comunidade que a freqüenta.

O “Olhar de pertinho” também se constitui num importante projeto existente na escola, uma vez que auxilia, através de um olhar e atenção diferenciados voltados a determinados alunos, na elevação da auto-estima, do interesse e também na melhora da aprendizagem dos conteúdos em geral.

Ao implantar o projeto “Bate Lata”, a escola também nos faz perceber a consciência e respeito que possui em relação à cultura do meio social no qual está inserida, uma vez que tal projeto trabalha diretamente com ritmos e instrumentos musicais descendentes da cultura da grande maioria de seus alunos.

Os projetos relacionados ao meio ambiente demonstram um sério compromisso da escola pela busca de cidadãos verdadeiramente críticos e conscientes a respeito da importância de se preservar o meio no qual vivem e fazem parte.

Sinceramente, concluo minha pesquisa com imensa alegria. Alegria por ter finalmente conhecido, após vários anos de faculdade e inúmeros contatos com escolas públicas, uma diretora crítica, consciente de seu papel social, que faz de seu trabalho uma busca incessante pela qualidade da educação na escola pública, que valoriza seus funcionários e luta pela justiça, cooperação e compreensão entre todos os membros e segmentos da unidade escolar. Que entende a importância de fazer com que seus alunos sejam felizes na escola e tem plena consciência de que a

escola é um tempo do aqui, do agora, que reflete no futuro, mas que não volta mais.

ALARCÃO (2001, p.18) afirma que:

...a escola, para além de lugar e contexto, é também um tempo. Um tempo que passa para não mais voltar. Um tempo que não pode ser desperdiçado. Tempo de quê? De curiosidade a ser desenvolvida e não estiolada.

A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania.

Possibilitar que o aluno seja feliz no ambiente escolar demonstra uma séria preocupação com o ser humano de maneira geral e compromisso com a educação pública e de qualidade, além de uma intensa consciência por parte da direção da escola sobre a importância de possibilitar que a criança seja feliz dentro dela. Para FREIRE (1993, p.9):

...a alegria na escola fortalece e estimula a alegria de viver. Se o tempo da escola é um tempo de enfado em que educador e educadora e educandos vivem os segundos, os minutos, os quartos de hora à espera de que a monotonia termine a fim de que partam risonhos para a vida lá fora, a tristeza da escola termina em deteriorar a *alegria de viver*.

Considero-me bastante otimista quanto à construção de uma escola pública realmente de qualidade e, conseqüentemente de um mundo melhor, e tornei-me uma pessoa ainda mais esperançosa após concluir o presente trabalho. Percebi que os esforços individuais acabam contagiando outras pessoas e contribuem para frutificar as práticas coletivas.

Como forma de demonstrar minha esperança em relação à conquista de uma escola pública de qualidade e, conseqüentemente de um mundo melhor, transcrevo abaixo uma poesia escrita pelo meu irmão mais velho, pela qual possuo grande admiração:

A ÚLTIMA QUE MORRE

Quem sabe surja uma saída
Logo depois da extensa avenida
Onde o caos passa correndo
E a paz já não passa mais.
Quem sabe abra-se enfim uma porta
Nessa vida de linha torta;
Quem sabe a terra daquela horta
Dê frutos depois da praga
Quem sabe a chuva agora traga
Uma esperança, mesmo que magra
Em gotas de sonho e pingos de suor
Agora enfim vai ser melhor;
Quem sabe todo o movimento
Conspire logo a favor do tempo
Quem sabe só por um momento
Mesmo que breve, leve prá dentro
Leve pras veias ou solte na areia
Quem sabe a frente de mar e horizonte
Quem sabe um monte
De belos sorrisos.

Mateus Sanchez Dumit⁶

Porém, sei que as mudanças só acontecem através de muito trabalho e vagorosamente, tão vagorosamente que muitas vezes chegamos a desistir.

Possuo plena consciência de que a formação de um verdadeiro professor nunca se dá por terminada e que grande parte dela se dá na prática. É impossível tornar-se professor somente através do contato com teoria a respeito da educação. FREIRE (1993, p.81) afirma que:

...é bom admitir que somos todos seres humanos, por isso, inacabados. Não somos perfeitos e infalíveis.

Pretendo partir agora para uma nova fase da minha vida, onde conciliarei a formação teórica que recebi dentro da faculdade com a realidade lá fora e, dessa forma, me tornar, dia-a-dia, uma professora de verdade!

⁶ Poeta e filósofo graduado pela Universidade Federal de São João Del Rei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALARCÃO, Isabel. A Escola Reflexiva. In: Escola Reflexiva e Nova Racionalidade. Ed. Artmed, Porto Alegre, p. 15-30, 2001.
- BARROSO, João. O Estado, a educação e a regulação das políticas públicas. *Educ. Soc.*, out. 2005, vol.26, no.92, p.725-751. ISSN 0101-7330.
- BOGDAN, Roberto C. e BIKLEN, Sari Knopp. Fundamentos da investigação qualitativa em educação: uma introdução. Porto Editora, 1991.
- BRUNO, Lúcia. Poder e administração no capitalismo contemporâneo. In OLIVEIRA, Dalila Andrade. (org.) Gestão Democrática da Educação. Petrópolis, Vozes, p. 15-45, 1997.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e Lingüística. 10. ed. Campinas: Scipione, 1989. v. 1. 190 p.
- EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. A escola: Relato de um processo inacabado de construção. In: Pesquisa participante. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1989, p.09-30.
- FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Repensando e ressignificando a gestão democrática da educação na "cultura globalizada". *Educ. Soc.*, set./dez. 2004, vol.25, no.89, p.1227-1249. ISSN 0101-7330
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho d'Água. São Paulo – SP, 1993.
- FREIRE, Paulo. Prefácio à edição brasileira. In: Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários / Georges Snyders; tradução Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GIDDENS, Antony. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2005. cap. 20, p. 510-526.
- GIOSTA, Nagilia. Prática reflexiva no cotidiano escolar o quê, para quê, quem e como? In: Cotidiano Escolar e Formação Reflexiva do Professor. Ed. JM, Araraquara, p.17-25, 2001.
- GONH, Maria da Glória. Educação não-formal. In: Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor. São Paulo, Cortez, 2001.
- GUSMÃO, Neusa M. M. Antropologia, processo educativo e oralidade: um ensaio reflexivo. In: Proposições, vol. 14, N.1 (40), jan/abr. 2003 pp. 197/213
- GUSMÃO, Neusa M. M. Diálogos cruzados: infância, juventude e educação". In FREITAS, Marcos Cezar de. Desigualdade social e diversidade cultural na infância na Juventude. São Paulo: Cortez, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. In: A organização do currículo por projetos de trabalho. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. - 5 ed. - Porto Alegre: Artes Médicas, p. 61-84,1998.

HOFFMANN, Jussara. Outra concepção de tempo em avaliação. In Ed. Mediação, Porto Alegre, p. 55-75, 2001.

KRAMER, Sônia. Propostas pedagógicas ou curriculares: Subsídios para uma leitura crítica. In: Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação / Centro de Estudos Educação e Sociedades (Cedes). n.59. Campinas: Cedes, 1997.

LAVILLE, Christian. O Nascimento do Saber Científico. In A construção do saber manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. / Christian Laville e Jean Dionne. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. – Porto Alegre Editora Artes Medicas Sul Ltda. Belo Horizonte . Editora UFMG, p.17-29,1999.

LEI nº 9795, de 27 de abril de 1999.

Bases de dados: Direito Ambiental - 20 de novembro de 2007.

<http://www.lei.adv.br//9795-99htm>

LEITE, S. A. S. ; TASSONI, E. C. M. . A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: Azzi, Roberta e Sadalla, Ana Maria. (Org.). Psicologia e Formação docente. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141.

LUCCHESI, M. A. S. . O Diretor de Escola Pública, um Articulador. In: Fátima Pinto.; Marina Feldman; Rinalva Cassiano. (Org.). Administração Escolar e Política da Educação. Piracicaba: Unimep, 1997, p. 231-240.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil - contribuições de Vygotsky. In: FARIA, A.L.G. de e MELLO, S.A. (Orgs). Linguagens Infantis - outras formas de leitura. Campinas, SP: Autores Associados,2005 (Coleção Polêmicas do nosso tempo, 91)

NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. Escritos de educação. – Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Dalila Andrade de. Educação e Planejamento: a escola como núcleo da gestão. In Gestão Democrática da Educação Vozes, 1997.

QUEIROZ, Ma. Isaura P. de. "Relatos orais: do indizível ao dizível" in VON SIMSON, Olga (org.) Experimentos com histórias de vida. S.P.: Vertice, 1988, p.14-43.

SILVA, T. T. . O que produz e o que reproduz em educação. Ensaios de Sociologia da Educação. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. v. 1. 188 p.

SMOLKA, A. L. B. . Salas de aula, relações de ensino. In: A Criança Na Fase Inicial da Escrita. Alfabetização Como Processo Discursivo. 9. ed. CAMPINAS: CORTEZ, 1999, p.29-45.

SNYDERS, Georges. Prefácio à edição brasileira. In: Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários / Georges Snyders; tradução Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SNYDERS, G., Pedagogias não-directivas. In: SNYDERS, G., LÉON, A., GRÁCIO, R. Correntes Actuais da Pedagogia. Livros Horizonte, 1984.P.15-38.

SOUZA LIMA, Mayumi. A cidade e a criança. São Paulo, Nobel, 1989.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a pesquisa participante. 1ª edição 1984.

THOMAZ, Omar Ribeiro. A antropologia e o mundo contemporâneo: cultura e diversidade. In: SILVA, Aracy L. & GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (Orgs.) A temática indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília, D.F.; MEC/MARI/UNESCO, 1995. Pág. 425 a 444

WINKIN, Yves, 1953 – A nova comunicação: Da teoria ao trabalho de campo / Yves Winkin: organização e apresentação de Etienne Samain; [tradução Roberto Leal Ferreira]. - Campinas, SP: Papirus, 1998.

